

AUTORES & LIVROS

21-11-1948
Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 12
Vol. IX

NOTICIA SOBRE ANTONIO DE ARAUJO

Nasceu na ilha de S. Miguel, e era filho de Joaquim de Araujo e D. Ana Pacheco. Veio para o Brasil na adolescência, e no Colégio da Bahia se fez jesuíta. Deu-se aos trabalhos da catequese dos índios. Faleceu em 1632.

Escreveu, com outros missionários, a obra:

— Catecismo na Língua Brasileira, a qual se contém a summa da Doutrina Christã. Com tudo o que pertence aos Mystérios da nossa Sancta Fê & bons costumes. Composto a modo de Dialogos por Padres Doctos, & bons linguas da Companhia de Jesu. Agora novamente concertado, or-

denado & acrescentado pelo Padre Antonio d'Araujo Theologo & lingoa da mesma Companhia. Com todas licenças necessarias.

(Lisboa por Pedro Craesbeeck. Ano 1618. A custa dos padres do Brasil). 8.º de XVI mais 170 f. num. e 1 inn. precedido das "Cantigas para os mininos da sancta doutrina" pelo p. Christovão Valente.

Esta edição tornou-se rara que Inocêncio diz dela: "não sei se existe em Lisboa algum exemplar". Contudo, mais tarde, o próprio Inocêncio, conseguiu ver, na Biblioteca Publica de Lisboa, um exemplar, que descreveu. Quase setenta anos depois dessa edi-

ção, foi a obra de novo impressa:

— Catecismo Brasileiro da Doutrina Christã, com o Ceremonial dos Sacramentos, & mais actos Parochiaes. Composto por Padres Doctos da Companhia de Jesus, aperfeiçoados e dado à luz pelo Padre Antonio de Araujo da mesma Companhia. Emendada nesta segunda impressão pelo P. Bertholameu de Leam da mesma Companhia. Lisboa, Miguel Deslandes. M. DC. LXXXVI. (1686). in-8.º, 14 fls. n. num., 371 pp. de texto e 4 fls. n. num. da Índice.

Também esta edição é muito rara.

Informação da entrada que se pode fazer da Vila de S. Paulo ao grande Pará, que é o verdadeiro Maranhão, chamado também Rio das Amazonas, cuja barra está na costa do mar de Pernambuco contra as Antilhas 340 leguas, e da Bahia do Salvador 440

Dada por Pero Domingues um dos 30 portugueses que da dita Vila o foram descobrir no ano de 1613, conformam com ele os mais companheiros que hoje vivem

Pera mais clara intelligencia, supponhamos primeiro que a demarcação de todo este Estado do Brasil, Provincia de Santa Cruz, esta fechada com dois limites como com duas chaves, uma das quais é o nomeado Rio da Prata, que está em 35 graus da linha pera o sul; a segunda é o afamado Pará, que por sua notável largura mereceu que os naturais lhe pusessem o tal nome, que significa mar; porquanto a tem tamnha que sua barra se não satisfaz com menos que com cento e mais léguas. Sua primeira ponta da parte do sul dista da equinoctial pouco mais de um grau e a do norte pouco mais de meio. Pecham estas duas chaves 900 léguas per costa não fazendo caso das voltas das particulares enseadas.

Da Capitania de S. Vicente (que está em 24 graus da linha pera o sul) 13 léguas contra o sertão, está a Vila de S. Paulo, donde acaso se foi descobrir aquele Grande Pará que tomou o nome de um espantalho que o tinha por alcinha (1), o qual fugindo à morte que por mandado do seu rei se lhe ordenava nas partes do Peru, embarcando naquella famosa lagoa chamada Parapupaba (donde nascem várias e fermosuras) navegando per este ao som de sua corrente, e tendo andado mais de 500 léguas, desembocou per sua barra, cheia de inumeráveis ilhas e deu consigo no mar largo, 340 léguas de Pernambuco: Porque a do ou-

tro rio, a que o vulgo ignorante chama Maranhão, dista do mesmo 285 somente, e da linha pera o sul 3 graus e 1/2; e deste deitaram fora os nossos Portuguezes aos da nação francesa, por ordem de Gaspar de Sousa, Governador Geral deste Estado.

Suposto este fundamento digo que haverá 8 pera 9 anos que da dita Vila de S. Paulo partiram 30 aventureiros moradores seus, com outros tantos índios a correr mundo e como à caça do gentio. Estes, depois de gastados alguns meses no discurso de vários scótes, foram dar com as cabeceiras de um rio chamado Iabeberi, nome que lhe deram as muitas raíças, que nelle há. Aqui descobriu o informante um mi-

neral de salitre que conheceu mui bem pela experiencia que dele tomara entre os castelhanos das partes de Vila Rica. E dele tomou um pouco que purificou guardou; e depois perdeu em um naufrágio occasionado da revolta, que abaixo apontarei.

No dito rio fizeram suas canoas para navegarem ao som de sua corrente. Seguido esta derrota a poucas jornadas tiveram vista de algumas 500 canoas de gentio, que por ter visto os cavalos da feitura das nossas, que a corrente lhes levava à porta, imaginando serem de quem os ia molestar, ia fugindo a mais levar. Mas deixando este successo, em que o dito gentio ficou salvo, continuam-

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faça a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1948).

CATECISMO. NA LINGOA BRASILICA, NO QVAL SE CONTEM A SUMMA DA DOCTRINA CHRISTI. Com tudo o que pertence aos Mystérios de noſſa ſancta Fê & bõs costumes.

Composto a modo de Dialogos por Padres Doctos, & bons linguas da Companhia de IESV.

Agora novamente concertado, ordenado, & acrescentado pelo Padre Antonio d'Araujo Theologo, & lingoa da mesma Companhia.

Com as licenças necessarias.

Lisboa por Pedro Craesbeeck. Anno 1618.
A custa dos Padres do Brasil.

Catecismo na Língua Brasileira, pelo Padre Antonio de Araujo. É o primeiro catecismo impresso na Língua Tupi. Exemplar pertencente à Biblioteca Nacional de Lisboa. (Apud Serafim Leite: História da Companhia de Jesus, 2.º volume — p. 561.)

SUMARIO

- | | |
|--|---|
| <p>PAGINAS 149 e 150</p> <ul style="list-style-type: none"> — Noticia sobre Antonio de Araujo. — Informação da entrada que se pode fazer da vila de S. Paulo ao Grande Pará ... de Antonio de Araujo. <p>PAGINA 151</p> <ul style="list-style-type: none"> — Catecismo Brasileiro. Advertência sobre a ortografia, e pronunciação deste Catecismo, de Antonio Araujo. — Informação sobre Antonio de Araujo, de Serafim Leite. — Algumas fontes sobre Antonio de Araujo. <p>PAGINAS 152, 153 e 154:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Carlos de Laet versus Camillo Castelo Branco. Uma polémica literária. <p>PAGINA 155:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Algumas canções traduzidas, de Mucio Leão. — A mentira do Judeu, de João Ribeiro. <p>PAGINAS 156 e 157:</p> <ul style="list-style-type: none"> — A Vida dos Livros. | <p>PAGINA 158:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. 1.ª Série — Antologia da Poesia. XXXIV — Homero. Prates: — Noticia sobre Homero Prates. — Bibliografia de Homero Prates. — Algumas fontes sobre Homero Prates. — Autógrafo de Homero Prates. — Vida Anterior. — Diálogo Comédia. — No exílio. — Velho relógio. — Palácio da Ventura. — A Flor Azul. — Como um sonho. — Sabedoria. — Última noite de D. João. <p>PAGINA 159:</p> <ul style="list-style-type: none"> — História do Jornalismo no Brasil: José do Patrocínio. <p>PAGINA 160:</p> <ul style="list-style-type: none"> — Album de Guignard. |
|--|---|

Uma Historia da Literatura Brasileira

- A primeira parte de "Autores e Livros" constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no tamanho regular de livro, formaria dois volumes de quinhentas páginas. Os números já publicados constituiriam treze dos capítulos iniciais da referida obra, a saber:
- | | |
|--|--|
| <p>I. Pero Vaz de Caminha</p> <p>II. Pero Lopes de Souza</p> | <p>III. Padre Manoel da Nóbrega</p> <p>IV. Padre José de Anchieta</p> <p>V. Gabriel Soares de Souza</p> <p>VI. Bento Teixeira</p> <p>VII. Pedro de Magalhães Gândavo</p> <p>VIII. Padre Fernão Cardim</p> <p>IX. Padre Quirício Caxa</p> <p>X. Padre Jerônimo Rodrigues</p> <p>XI. Padre Leonardo do Vale</p> <p>XII. Padre Luis Figueira</p> <p>XIII. Padre Antonio de Araujo</p> |
|--|--|

UMA POLEMICA CELEBRE

Recebemos, constantemente, cartas e telefonemas de pessoas que nos solicitam publicarmos poesias, artigos e outros produções literárias cuja leitura é quase impossível devido à sua grande variedade.

Satisfazendo a vários pedidos, publicamos hoje os artigos que trocaram Carlos de Laet e Camillo Castelo Branco por ocasião da publicação do "Cancioneiro Alegre", em que Camillo ridiculariza a obra de Paugundes Varela.

Constituem estes artigos uma polémica que ficou famosa na

História da nossa Literatura. Tomando a defesa de Varela, Carlos de Laet respondeu a Camillo pela "Revista Brasileira". O escritor português retrucou pelos "Ecos Humorísticos de Minho".

Laet escreveu mais dois artigos pelo "Jornal do Commercio"; mas Camillo só respondeu ao primeiro deles, encerrando-se, assim, a polémica.

Todo este preciosíssimo material literário, o leitor encontrará em nosso número de hoje.

Informação da entrada que se pode fazer da Vila de S. Paulo ao grande Pará que é o verdadeiro Maranhão, chamado também Rio das Amazonas, cuja barra está na costa do mar de Pernambuco contra as Antilhas 340 leguas, e da Bahia do Salvador 440

do os nossos por sua derrota, acaso foram desemboçados em um feroz braço do grande e afamado Pará.

Navegando contra sua corrente, tanto quanto como duas léguas da barra do Iabebéri, que se deixavam atrás à mão esquerda, a esta mesma deram com 7 aldeias muito grandes, plantadas ao longo da borda do dito braço do Pará. Os índios delas se chamavam Castingas. Sua língua era a geral desta costa. Entre eles acharam os nossos muita ferramenta, flocos, cunhas, machados, muito velório, grande número de camisas de Ruão, com muitos chapéus, o que tudo disseram iam resgatar por penas, frecharia, de que tinham cheias muitas canoas dentro em suas casas, e por algodão, com os Franceses que afirmaram distarem deles onze jornadas pelo rio abaixo, em uma fortaleza que havia muitos anos aí fizeram; ajudando mais que os ditos tinham engenho de acucar, que faziam dos canaviaes que possuíam. Confessaram que tinham dado a morte a 7 Franceses, que deviam de ter fugido da dita fortaleza dos seus, por cujo recado decreto os ditos índios os matariam. E, sem serem perguntados, disseram que daí a tantas jornadas, em outro braço do mesmo Pará, habitavam as que nós chamamos Almazonas e éles Camaitas, se., mulheres sem peito. Afirmaram outrossi que pelo rio abaixo, de uma e de outra banda, havia grande número de Aldeias, das quais não faltavam muitas pelo mesmo rio acima, mas pela terra dentro.

Os dias sete começaram logo a despachar mensageiros aos das outras pedindo-lhes que fossem visitar os brancos com éles estavam. Temendo-se os 30 e

receando algum atração de terminarem fazer aí pouca demora, Pregam-lhes mil louvores dos brancos, pedem-lhes que se venham com éles para S. Paulo, onde estarão todos juntos com suas igrejas e com o mais necessário para a própria salvação, mas tudo com engano, profissão de serantistas. Abalam 3.000 almas. E como havia pouco tempo que tinham mudado sítio, e os cirios de farinha, das roças que fizeram no que deixaram, eram quasi sem número, em 4 dias de detença se embarcaram em 300 canoas das muitas que possuíam.

Ao embarcar tiveram os 30 modo para tomarem nos abalados todos os arcos e frechas. Começam pois a navegar pelo dito rio, acima, tomando todos os dias terra, onde descançam e dormitem. Entre as 3.000 almas vinha uma índia (que devia ser filha dalgum dos 7 franceses, dos quais ali não faltava geração), mulher de um filho de certo principal que seguia os nossos. Esta (da qual diz o informante que a natureza se esmerar em a dotar das partes requitas (sic) para a perfeição corporal) deu o capião a um seu apaniguado, o qual por se ver livre ou mais cativo dos cuidados que lhe causava a presença do marido tornou a dar esta ao próprio capião. Sentiu tanto o triste índio o esbulho do seu natural matrimônio, e todos os mais o verem-se a poucas jornadas repartidos, que em certa hora e paragem entre si acordaram e se alevantaram contra os 30 dos quais mataram 16 e alguns índios dos que levaram de cá. E dando-se por satisfeitos com a morte destes fizeram volta para as suas aldeias nas mesmas canoas.

Os 14 que escaparam, nas

que puderam haver, continuaram pelo rio acima não trazendo mais que dois dos ditos Castingas, que não quiseram ou não puderam seguir os mais. Chegaram estes à Vila de S. Paulo, donde tinham partido havia 18 meses, e donde nós agora podemos fazer a entrada que disse, em demarcha de tantas mil almas, seguindo a derrota por onde éles voltaram na maneira seguinte:

Hão-se de embarcar em um porto do Rio Anhembi, chamado Pirapetingui, 25 léguas de S. Paulo as quais se podem andar em 3 dias.

Ao sem da sua corrente irão em demanda do Iguaçu, se. Rio Grande, onde o Anhembi se vai meter. No que se gastam 12 dias.

Entrados no Rio Grande irão contra sua corrente até que à mão esquerda dêem com a barra de outro chamado Bogi, que entra naquelle; e isto em 3 dias.

Navegarão pelo Bogi até que deixando à mão esquerda as barras de três rios, achem a barra do quarto, que os índios chamam Apari à mesma mão; no que poderão gastar 8 dias; indo pelo Apari acima, em obra de 25 dias lhe darão fim e em parte que não dista mais que duas léguas do principal daquele braço do grande e verdadeiro Maranhão.

Estas duas léguas atravessarão por terra pela qual poderão levar suas canoas à outra banda, deixando sempre nas costas o fim do rio, onde desembarcaram.

Tornados pois a embarcar no dito braço seguirão sua corrente. E sem perigo algum, em 25 dias (a 3 por dia somente como até aqui) darão com uma ilha cujo principio fica onde este se divide em dois braços, que a fazem. E feita de comprimento de 30 léguas com 6 de largo, se tornam a unir em um.

Tomando pela da mão esquerda irão vendo à direita, dentro nela, muitas aldeias de índios chamados Caraiúnas, com os quais já estiveram moradores de S. Paulo, que deles receberam bom ganho, posto que sua língua é diferente da geral. Andam-se as 30 léguas em 10 dias.

Da última ponta desta ilha em 30 dias darão com as ditas 7 aldeias dos Castingas, as quais lhe ficarão agora à mão direita e as mesmas duas léguas acima da barra do Iabebéri, donde éles disseram distar a fortaleza dos franceses onze dias de jornada. Esta fortaleza dista 60 léguas da famosa barra do Pará, conforme a informação do Capião Francisco Caldeira, que a foi descobrir e navegar por ela acima.

Desta barra do Pará ao chamado vulgar e imprimeiramente Maranhão, onde estão os nossos Portuguezes e Padres da Companhia há 55 léguas. Donde consta que desta sua estância, com as 55 léguas de costa, há as ditas 7 aldeias, 148 léguas. E que ali, por razão da grande distância como das innumeráveis almas que há naquelle e em outros braços do Pará, se deve procurar outra nova e diferente conversão (2).

Desta relação se colige claramente a facilidade com que os da nossa Companhia (cujo Instituto é buscar e converter almas a Deus) po-

dem ir pregar a lei divina ás innumeráveis que habitam à sombra das trevas da morte naquelle e nos mais braços daquele grande Maranhão. Convem.

1.º — Porque sempre vão por rios de agua doce coisa de suma importância para os Missionários: por cuja carestia foram sempre e são hoje tão custosas e difficilissimas as Missões a outros sertões, em demanda dos quais andavam 3 e 4 dias continuos sem acharem gota de agua para refrigerarem a sede, causada do intolerável cansaço do caminho.

2.º — Porque de uma e de outra banda dos ditos rios há grande abundância de caça, mel e palmeiras de que se faz farinha, e dentro neles tanto peixe, que navegando se vai matando à fissa e nas rebeliças de matas, a que os serantistas chamam capões, posto pelos campos vizinhos tanto das primeiras 3 cousas, que se não pode encarecer.

3.º — Porque podem levar quanta farinha de mandioca quiserem nas canoas com o que ficam os índios forrando o imenso trabalho que lhes custa levá-la ás tas quando comosco vão a outros sertões. Do que resulta a facilidade.

4.º — Porque levando a dita farinha em canoas poderão andar mais léguas no dia, porquanto neste caso basta tomar porto a horas que bastem para matarem alguma caça, furar mel e quando se arranjarem incom de dia.

5.º — Porque desta maneira ficam todos livres de doenças causadas do trabalho e moléstia do continuo caminhar e de outros muitos perigos aos que de alarves

tapuias, como de cobras, etc.

6.º — Porque em caso que não hajamos de habitar com os índios em suas terras e os possamos dobrar a que se cheguem para parte onde assistamos com éles, ficamos fora de temores ou de todos ou da maior parte deles se tornarem per as suas terras por não poderem atturar o aperto de caminhar ou a falta do necessário para suas famílias, que por estes rios o têm em toda a abundância.

7.º — Porque raro será o da Companhia que não possa deitar mão desta empresa, e que a não tenha por recreação, assi do corpo por razão da facilidade do navegar e de todo o necessário para elle quando o não tenham por sepeltilho, como do espirito, que tanta consolação ha-de receber, vindo-se levado só do zelo da salvação de tantas almas.

8.º — Porque além do que esta entrada é tão fácil e tão certa, nas nossas doutrinas de S. Paulo há hoje alguns índios que acompanharam nela aos 30 Portuguezes com muito mais gosto nos guiarão agora a nós: pois não imos a guerrear ou cativar, mas a converter e libertar. E para prova de tudo isto advirto que citemos moradores de S. Paulo estiveram já apostados e quasi abalados, per as suas famílias trem por esta derrota a povoar aquelle braço do Pará, como éles mesmos confessam; e advirto que por aqui nos podemos comunicar com os Padres daquelas partes.

Pelo que peço a Deus Nosso Senhor mova de corações dos Superiores a que concedam esta tão gloriosa empresa aos que éle já tem movido com desejos

MATERIAES E ACHÊGAS

PARA A

HISTORIA E GEOGRAPHIA

DO

BRASIL

PUBLICADOS POR ORDEN

DO

MINISTERIO DA FAZENDA

N.º 7-8

Dezembro de 1887

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1887

Fac-simile do ante-rosto do livro "Cartas Avulsas", edição impressa e não publicada

CATECISMO BRASILICO

Da Doutrina Christã,

Com o Cerimonial dos Sacramentos, &
mais actos Parochiaes.

COMPOSTO

Por Padres Doutos da Companhia de
JESUS,

Aperfeiçoado, & dado a luz,

Pelo Padre ANTONIO DE ARAUJO
da mesma Companhia,

Emendado nestre segunda impressão

Pelo P.BERTHOLAMEU DE LEAM
da mesma Companhia.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL DESLANDES

M. DC. LXXXVI.

Com todas as licenças necessarias

Fac-simile da edição de 1886 do "Catecismo Brasilico",
de Antonio de Araujo.

CATECISMO BRASÍLICO

INFORMAÇÃO SOBRE ANTONIO DE ARAUJO

Advertencia Sobre a orthographia, & pronunciação deste Catecismo

Antonio de Araujo

Este Catecismo como produção dos Portuguezes, he Portuguez na eferitura: que pode substituir a pena Portuguesa. E esta he ufa nelle de O com acento em lugar de S, cuja natureza fihlo não consente a lingua Brasileira. E escreve-se Nha, e não he, para formar aquella que se refere as ditas palavras destas noitas palavras, Tenha, Tenho.

Nesta lingua ha concurso de muitas vogaes em alguns vocabulos das quaes tal vez ainda ha fua syllaba per si, e muitas vezes duas, e tres concorrem em hua fua syllaba. Exemplo: feja o verbo Alopoai, que significa, ordeno a alguem que faça alguma coisa, no qual o primeiro A. he syllaba: Ia, ou, e as tres ultimas vogaes fazem outra syllaba, na qual O. he liquido, AI, diphthongo. Para evitar a dardida, que nesta parte podem padecer os meos leitores verçados nesta lingua, fei fua sobre algumas vogaes dous pontos, como final, que effa syllaba, que os tem, he fofitativa. E fua syllaba per si feparada das outras. Onde fe figne, que havendo dous, ou mais vogaes tem effos pontos, fe devem unir em hua fua syllaba.

O, pronunciafe afpero fobre A, O, V, e branco fobre E, I, Y, como nelle nome Portuguez, Concreto. Se tem acura, fe profere branco fobre A, O, V, como no Portuguez.

K, caracter Grego fe introduzio aqui por necessidade com o fua afpero fobre E, I, Y, que fe fente na voz Grega Kyrie, e fe deve dar a muitas defta lingua, como Okena, porta: Kexiriri, effou triffe: Okyr, chove. Q, para exprimir effe fom ao modo Portuguez destas palavras Quero, Quiera, he inconveniente: porque alem de violar a propriedade do V, que nesta lingua he liquido depois do Q, confunde a pronunciação de muitas diphthongs, que fe efcrevem com o mesmo modo, e do mesmo modo fe não pronunciam, (quas fua, Edoquo, eis aqui: Aquea, aquela: Que coty, para cá, e meque V, he liquido. Oquesna, porta. Acoquenda, fecho, em q'V, nbo he liquefcente.

G, he afpero ferindo A, O, V, branco porém, fobre E, I, Y, como na palavra Portuguez, Gigante. Mas quando tiver H, immediatamente junto a si, ferirá com afperia E, I, exemplos feijo, Almoinghê, meto dentro: Namonhanghi, não fuço. H, nos exemplos acima não he afpiração rigorofa, fo communica afperia ao G. Porém em fua palavra Ahe, homem: Ehe, fim das mulheres, e em alguns mais, fe ha, he afpiração afpera, e perceptivel, lançado o habito com alguma violencia para fora.

I, nunca no idioma Brasileiro he tão rigorofa confoante, que fua a vogal como G, entre vogaes he confoante duplex, como nelle verbo, Alar, tome: onde o I, faz o mesmo fom, que o noito verbo, Calar. E com effa mesma vocalidade fe enunciará, quando no principio da diphthong antes de vo-

cal, como em Ioanguba, affecto mutua. Excepção quando for articulo, porque então fará syllaba per si, e para diffinção, ou elle, ou a vogal seguinte terá fobre ti dous pontos. Seguindo qualquer vogal fará com ella diphthongo: e quando não deira concorrer para diphthongo, a vogal antecedente levará dous pontos como feparada do I, o que fe ve nella palavra Pai, Senhor.

O, depois de confoante, e antes de A, ou E, as mais vezes he liquida: exemplo, Teoboeira, cadaver. Quando não for liquida terá fobre ti dous pontos, para fazer syllaba per si, como Almoinghê, imagino. Seguindo a outra vogal, fará diphthongo com ella, como no futuro, foama, v.g. fe coicama, para eu ir. Mas feneo fizar diphthongo, como fucuede em muitas diphthongs, terá a vogal antecedente dous pontos, para final, como fe tem effa, que deve fepararfe delle como fe ve nelle vocabulo, Anhanguê, reprehende com vituperio.

R, fempere fere com brandura a vogal, como nelleas noitas palavras Piro, Pera: ou effeja no principio, ou no meyo da diphthong.

V, nunca he confoante, falvo quando por melindre fe ufa em lugar de B, como por, Abê, Pequoa, Avá. Mas quando concorrem dous VV, fobre outra vogal, fica liquido o fequendo V, e o primeiro parece confoante porém com fom tão brando, que fua como G, exemplo, Vuime, ahi, que fua como Guime. Depois de confoantes fequendo vogal, he liquido, excepto quando fobre ti tiver dous pontos, porque então fará syllaba per si, como na propofição, cui, de. Dometmo modo não fará liquida, quando fobre elle cair Gh, como em Amonghui, deffaco, verbo trifsyllabo, cuja ultima parte Ghul, he diphthongo.

Y, he nota da voz gutural, que fe forma na garganta dobrada a lingua com a ponta inclinada abaxo, e lançado o habito opprimido na garganta, com hum fom mixto, e confuso entre I, e mais V, e que não fendo I, nem V, envolve ambos. Como fe ve nelle nome, Y, agua. Os antigos para exprimir effe fom, ufaraõ de jota com hum ponto em cima, e outro embaixo: Outros efcreverão Ig. Porém insufficientemente hui, e outros, porque o jota tem diversa vocalidade, que nunca chega a profere effe fom gutural. Mais proporcionado he Y, que foando em fua origem aos Gregos como vt, e pronunciando como V, os anglos Latinos, os modernos em muitos vocabulos o exprimem como I. O Catecismo antigo ufava de ambas as letras, I, Y, promiscuamente pra jora. Aqui por fe não multiplicarem fua necessidade as letras, e pôr as que fua necessarias, fe poem I, com o fua ordinario fom, e fe refere Y, para a vogal gutural.

A virgula impendente, que chamamos til he aqui caracter rigorofa, e neceffario, para denotar aquelle fom medio entre M, e N, e fe acha nas vozes Brasileas, como, Tupá, Deos: cujo fom he aquelle, que fe

fente nelleas palavras Portuguezas. Vaa coufa, fua coufa.

As confoantes finaes, fe devem profere perfeitamente. E affi quando acabão em M, como Agueem, acho, fe ha de exprimir o M, apertando os beijos. Acabando em N, como Anhun, corre, fe ha de profere o N, com os beijos abertos, tocando a lingua no palato, e foitandose logo com algum effalido. E affi das mais confoantes refpectivamente. Por effa razão nelle livro feneo fuffitute til por M, em N, por evitarfe confusão, e reservarfe o til para as diphthongs, que trata o paragrafo antecedente: e para que fe faiba em que letra, fe M, fe N, acabo a diphthong he neceffario effe conhecimento para a formação dos verbos por feus tempos, que pende delleas finaes.

Para o devido acento, fe poem o Apices Circumflexo, e Agudo. Circumflexo na penultima, como em Ybaca, Coo, faz longa effa syllaba. Agudo na ultima, como em Ago, vou, he final, que fe deve carregar nella ultima agudamente. Na penultima meftra, que effa syllaba he longa, e a ultima aguda, como Tóba, pay. Na antepenultima noftra do mesmo modo, que effa syllaba he aguda, e as fequintes graves, fe evem pronunciar brevemente, como em o fubjunctivo fucarme, m a n a n d o. Quando na mefma diphthong fe acharem dous acentos, he final que effa diphthong he compofta, e conforme ao dialecto, e propriedade da lingua Brasileira, cada hua das partes retem o fua acento proprio, que tinha, quando feparada, como fe ve nelle verbo Atipamonghê, refo, fallo com Deos: e nelle Agugyô, fangro, tiro fangue. A syllaba que tem til fempere he aguda: não fe lhe poem com tudo aqui Apice, por os não multiplicar com o embarço, que haveria, havendo de porfe fobre o til agudo, para fe lhe dar o devido acento, bafia effa advertencia.

Finalmente, a exemplo dos Portuguezes, que nas orações confervão algumas palavras Latinas, e juntamente por decore das mefmas palavras, e por neceffidade de abraço, e admitem nas Orações, e Dialogos palavras Latinas, e Portuguezas: quas fua Cruz, Ave, Salve, Igreja, Sacramento. Por decore: porque os myfterios, que nelleas vocabulos fe contêm, mais refpeito concilia nelleas vocabulos, que nos vulgares Brasileos. E para fe entenderem, diffufamente os explico os Dialogos. Por neceffidade: porque ao Gentio Brasileiro faltão com o ufo, e noticia de muitas coufas, as palavras co que poftão verterfe: como fua os nomes de numeros, que nella lingua não paifão de quatro; e muitos outros, que fo com longas perifrases fe poderião verter: as quas feneo foftrem nas orações, e fummas dos myfterios, que per si requerem brevidade. Exemplo fejaõ as palavras Igreja, e Santo, para as quas falta vocabulo proprio nella lingua. Tão pouco houve de fanteidade nelleas partes. Effo volume, que fe dirige a emendar effa falta, affi como ategora teve fella efficacia em a introduzir em muitas almas, daqui em diante com a industria, e diligencia dos Missionarios nas mefmas, a occafionará muy copiofa, e a confervará florente.

..

..

"Catecismo Brasileiro da Doutrina Chriftã" — Lisboa — M.DC.LXXXVI.

Nota — Mantivemos a orthographia da edição original.

O P. António de Araujo nasceu na Ilha de S. Miguel, Açores, em 1566. Levado novo para a América Portuguesa, entrou na Companhia de Jesus na Baía, em 1582, tendo 16 anos de idade. Percorreu os estudos de praxe, Humanidades, Artes e Teologia, sendo admitido a profissão de quatro votos em 1608. Superior nas Aldeias dos índios, desempenhou o cargo de procurador do colégio da Baía; e era consultor do de Pernambuco, em 1613, onde exerceia, além disso, o officio de pregador. Faleceu em 1632 (1).

Grande cultor da lingua dos índios, compôs o Catecismo da lingua brasileira (Lisboa, Pedro Cruesbeck, 1618), de que fez nova edição, aumentada, o P. Bartolomeu de Leão (Lisboa, Miguel Deslandes, 1686) (2).

O P. Araujo era de génio vivo e um tanto melindroso, Compensou-o porém com um verdadeiro zelo das almas. Trabalhou junto com o P. João de Almeida, de quem era superior, na difficil missão dos Carijós (3).

Prova do seu zelo é ainda a presente proposta para as missões do Pará, que elle não chegou a ver, mas que tão importantes haviam de ser mais tarde.

Apalpa-se o entusiasmo com que os Jesuítas utilizavam todos os conhecimentos susceptíveis de alargar o âmbito da conquista das almas e da civilização. E nem sequer esqueciam as

possíveis facilidades de subsistência e de transporte, para suavizar aos Padres, e mais ainda à comitiva dos índios, as viagens penosas!

Um último ensinamento — e, já agora, proveito! — os Jesuítas aprendiam a escrever... para escrever. Eram diligentes. Dos seus escritos, até quando tinham apenas intuitos missionários, recolhemos agora o mais rico substratum histórico de regiões que mal podem acompanhar, ainda hoje, distanciadadas da costa e dos grandes centros, o ritmo regular da civilização moderna.

Homem de Melo, no seu Atlas do Brasil (Rio, 1909) não aponta uma única povoação na extensa Ilha do Bananal, que pouca diferença devia fazer então do modo como a viram há mais de três séculos aqueles Paulistas ou Portuguezes da Vila de S. Paulo, raça de gigantes, que pegaram na liança famosa de Tordesilhas e, depois de a terem bem segura na mão, riscando fronteiras ao Brasil, a atiraram para longe, — tão longe, que por pouco (uns doze graus escasos) ia cair, do outro lado do continente, no Oceano Pacifico.

(1) Braz. 3. 123v; Hist. Soc. 43. f. 68.

(2) Descreve nimbos os catecismos Sommervogel. 1. col. 527-508, e mais amplamente Vitis Cabral. Bibliographia das obras tanto impressas como manuscritas relativas à lingua tupi ou guaraní, também chamada lingua geral do Brasil nos Annuaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, 8 (1831), p. 160. (3) Simão do Vasconcelos, Vida do Ven. P. João de Almeida, páginas 161 e 168 e segs.

Dois trabalhos de Raimundo Correia

Pecado Original

Oh! árvore da ciência!
Dizem que o traje antigo da inocência
Rasgou-o um beijo...
Os deuses o vedaram
Ao homem primitivo?
Não, de certo!
Foram eles, os deuses, que inventaram
O beijo, por ventura?
Ele me pôs o paraíso aberto:
Nele bebi toda a sabedoria,
Toda a ciência defesa à criatura.
E tanto quanto os deuses, desde o dia
Em que o beijo senti, me sinto sábio!...
O teu fruto interdito,
Oh! árvore da ciência e dos amores
Caiu-te, quando me caiu do lábio
O beijo...
O beijo era o interdito fruto?
Mas nem por isso escuto
O alto clamor dos deuses no infinito
Nem por isso coléricos os vejo
Raivando vingadores
Contra o pecado de um primeiro beijo.

Agua e vinho

(limit. de Lessing)

A água tomba, destrói, derriba e arrasa
Uma cidade inteira, casa a casa,
Torres, paredes, muros...
Ao sol põe a raiz dos robles duros.
Entre horribes destrócos faz caminho
E nada há que os seus impetos suporte...
Que ela é bem menos forte do que o vinho,
Vós, contudo, o dizeis... mas porque, então
Vos espantais, si o vinho, que é mais forte,
Deita u mfraco mortal, como eu, no chão?!

(Poemas completos de Raimundo Correia — Editora Nacional, 1948, 2.º vol.).

(1) O nome de Maranhão já existia na Espanha em 1506 (Berredo, Annuaes Historicos, Florença, 1906, I, p. 7).

(2) A margem da folha estão dispostos em ordem vertical os dias acima indicados, com um traço por baixo, e a soma e dias seguintes: "119 dias (4 meses e 3 dias); e 3 léguas por dia sumam 357 léguas. A 6 léguas por dia andar-se-iam em dois meses. — O que se entende até as 7 aldeias primeiras das Castanhas".

(Apud: Serafim Leite — Páginas de História do Brasil).

ALGUMAS FONTES SOBRE ANTONIO DE ARAUJO

Carvalho, Alfredo de — Biblioteca Esotica, vol. 1.

Leite, Serafim — História da Companhia de Jesus, passim.

— Páginas de História do Brasil.

Silva, Inocência Francisco da — Dicionário.

CARLOS DE LAET VERSUS CAMILO CASTELO BRANCO

I

Fagundes Varela

Os apreciadores portugueses da lírica brasileira distinguem com especial louvor Fagundes. É constantemente citado este paulista, e tão lido cá, no que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefácio de 1861. O autor, querendo bem graduar a futilidade da poesia e atenuar a ousadia de a dar à estampa, a instâncias de amigos, pergunta: "Qual é o estadista, o homem de negócios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que nos ouviu de uma pútila Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatística, não se embriou que haviam brisas e passarinhos, ilusões e devaneios?" E gramática. Também seria bom lembrar-se aos ouvintes das Magdalenas e Julieta, que havia regras para o verbo haver, além de brisas para o refrigerio da epiderme, e passarinhos para delecto dos ouvidos. Em poesia, um sábio não substitui a sintaxe, e as flores do ingá que ressecem no jequitibá não disfarçam a corvosa dum solecismo.

Justificando a gente de juízo são que ri dos poetas, Fagundes não reputa indivíduos escoreiros os fabricantes de rimas, e aplaude os que lhes espem sarcasmos. "Porque o poeta — diz ele com toda a razão — desconhece as leis da humanidade e em vez de contentar-se com o socorro da família, a calma da mediocridade, a paz do coração, a verdade e as únicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realizá-la, maldiz-se e se consome". E que fartum à rua da quitanda! Mas tem razão. Quem desconhece as leis da humanidade; e, em vez do socorro da família, quer a refração e o banzé; em vez da calma da mediocridade, quer delitar carruagem hult resorço ou vestir-se de Preste João das Índias, e não acha demasiados quatro botões na luva cor de canário, consuma-se e maldiz-se.

Por tais e quejandos motivos, Fagundes apostropha os poetas e vociferou com os lábios espumantes de ironias finas. "Querem que os honestos pais de família; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o país; os comerciantes e lucrativos; o mercenário ocupado em ganhar o seu pão quotidiano; abandonem os seus trabalhos, deixem seus filhos com fome para aplaudir-lhes as loucuras e fecer-lhes coroas de ouro? Não querem (os poetas) que se riem, quando o povo diz: — nossos senões são arrasadas; nossos filhos precisam de instrução —, eles respondem:

Mimoso passarinho que vagueias

Minha bela, eu te amo,

outras iguais".

Até aqui Fagundes.

Aguenta-te, Victor Hugo! Acula-lhe os teus arcos nostálgicos, Guerra Junqueiro! Mercieiros, enchei-me este vosso intérprete de ceiras de figos de comadre.

Afinal, este sujeito híbrido dos Brasis contou destarte o seu prefácio original:

"Escrevendo estas linhas e dando à publicidade este volume, o autor pede e espera que as musas lhe favoreçam com a ausência da sua divina inspiração", etc.

Eu também faço votos por que as musas lhe favoreçam com a ausência de sua divina inspiração. Por estes dizeres parece que foi divinamente inspirado Fagundes. Não o faz por menos, e prova-o nesta canção que denota país novo e árvore nova de muita seiva um pouco atacada de pulgão e lagarto.

CANÇÃO LÓGICA

En amo, tu amas, éte ama...

Teus olhos são duas sílabas
Que me custam soletrar,
Teus lábios são dois vocábulos
Que não posso,
Que não posso interpretar.

Teus seios são alvos símbolos
Que vejo nem traduzir;
São os teus braços capítulos
Que podem,
Que podem-me confundir.

Teus cabelos são gramáticas
Das línguas todas de amor.
Teu coração — tabernáculo
Muito próprio,
Próprio de ilustre cantor.

O teu caprichoso espírito,
Inimigo do dever,
É um terrível enigma
Alí que nunca,
Que nunca posso entender.

Teus pesinhos microscópicos,
Que nem rastejam no chão,
São leves traços estéticos

Polemica (I)

Que transformam,
Que transformam a razão!

Os preceitos de Aristóteles
Neste momento quebrei!
Tendo tratado dos pincores,
Oh! nas bases,
Nas bases me demorei

Camilo Castelo Branco (Cancioneiro Alegre).

II

O Cancioneiro Alegre, de Camilo Castelo Branco

Chegou-nos de Portugal uma obra — o Cancioneiro Alegre; esmaltalhe a primeira página fulgido nome — Camilo Castelo Branco; e era, dizia-se, um livro de crítica onde se azeria o mérito literário dos nossos mais eminentes poetas tanto bastou para que o Cancioneiro fosse recebido como o Rossi, com triplice salva de aplausos, antes ainda de haver dito ao que vinha, tudo em atenção à celebridade com que se aureolava e como protesto de gratidão por ter-se lembrado de nós.

Com pesar o digo: após alguns momentos de rápida leitura, cruel foi o desencanto. Estibou-se o fervor dos entusiastas; e a gratidão dos que se jubilavam com ver o princípio dos noveleiros portugueses fraternalmente aplicado ao estudo da literatura brasileira, transformou-se em desgosto e logo depois em cólera que já fez explosão em duas cartas-descomposturas — e ameaça provocar mais sérias represalias.

Não fui dos primeiros a saborear os artigos com que o sr. Camilo Castelo Branco exornou esta obra; e por simplíssima razão, e é que desconheço já ou jamais conhecerei, a indole literária do emérito romancista todos quantos dele esperavam uma crítica, severa que fosse, mas imparcial e desapaixada. Homem de ação e moldado para a luta, não lhe assenta bem a toga de juiz no tribunal das letras; falta-lhe isenção de ânimo para abstrair de personalidades; negam-lhe o entendimento muitos preconceitos e abusões; e, principalmente, manifesta-se em tudo quanto ele escreve, certo desejo de fazer troça, o qual, não sendo o menor dos atrativos que concitam leitores para os seus romances, se torna neste livro menos escusável, porque se abalança a sacrever jocosidades em pedestes que suportam reputações laboriosamente conquistadas. Com tais achaques não contento que se possa ser imaginoso romancista, estilista primoroso e valente inimigo de mesquinhazas e torpidades; tudo isso pode ser, e o é, Camilo Castelo Branco: crítico é que não, e mostrou que o não era nas páginas do Cancioneiro.

Esta ideia do Cancioneiro Alegre sugeriu-lha diz o prefácio, outra compilação do mesmo género, dada à estampa em Edimburgo. Parece que, impressionado por essa leitura, patrioticamente ambicionou ver também coligidas e anotadas as mais engraçadas composições dos poetas portugueses e brasileiros. Esse o primeiro propósito: *amphora coepit institui*. Encetada, porém, a tarefa, progrediu o trabalho e caiu um livro de pilhas: *urceus exit*.

A penosa impressão que em terras do Brasil tem produzido o Cancioneiro Alegre deve, em grande parte, ser levada à conta do melindre nacional, que supuseram alguns intencionalmente ofendido pelas setas... não digo bem... pelas rijas cheiradas com que o crítico pretendeu derrear certos poetas muito de nossa simpatia e alguns dos quais, já mortos, tinham o direito de não serem tratados com o sarcasmo que só aproveita aos vivos.

Não vou por aí, desde já o declaro. Há nos comentários do Cancioneiro erros de apreciação e iniqua distribuição do ridículo; mas acredito que, réu de lesa-crítica, não agravou o comentador o seu delicto com premeditadas distinções geográficas quando sentenciava os seus pares nas letras.

Seja, porém, como for, o certo é que o sr. Castelo Branco nutre, como boa parte dos seus compatriotas, grande cópia de preconceitos relativos à literatura e modo de viver brasileiros. Um lugarzinho na escala do seu apreço entre o matuto boçal e o adiposo comentador que lhes reenviamos — eis o que nos concedem aqueles senhores... Nem fantasia: de semelhantes ideias se confessou imbuído o nosso amigo Bordinho, quando para cá veio com o crânio atestado das frioleiras que sobre o Brasil babujaram os d'Expilly e outros ratões de boas petas.

Causa, e não pequena, que concorre para desprestigiar-nos aos olhos dos humoristas de além-mar, é aquela celebridade de em Portugal chamarem brasileiros aos portugueses que daqui vão enriquecidos, a matar saudades da pátria. Esta boa gente, incapaz de rejeitar subserção e muito digna de arrear-se com a Vila Viçosa, quando por milagre não tenha já galgado a baronia no *steep-chase* das beneficências preconizadas aos quatro ventos — essa honrada gente, digo, é o alvo primeiro das sátiras de todos os folhetinistas, comediografos ou noveleiros da outra banda, pobres

de chelpa, mas transudando humor, os quais, descendo do Sinai onde foram embeber-se na contemplação do Ideal, não podem assoborbar a indignação que os invade ao verem o bezerro de ouro destruído zumbaias e adorações dos filhos de Israel.

Ora eu acho que há demasia no furor dos pontífices literários que apedrejam e quiseram ver torrados os bezerros de ouro que reexportamos por todos os paquetes. Eu os admiro, a esses valentes exploradores do comércio, que atravessam o Atlântico encorajados do seu casaco de trinta botões e fortes na sua esperança; não os admiro só, mais do que isso, eu os respeito, quando considero que, a duas mil léguas da pátria, em meio das labutações a que eles se atiram e a que se negam os nossos escravos, só os anima e conforta um pensamento — e é regressarem ao ninho paterno e com os seus repartirem a abundância grandiosa à custa de tamanhas fadigas.

Disto pode inferir-se quão benévolos são as disposições de que me sinto animado para com os pseudo-brasileiros germinados em Portugal, vigorizados no solo e sob o calor dos trópicos, e de novo transplantados para o jardim da Europa com flores, frutos e tudo... Tive-se eu o talento do sr. Castelo Branco e sobre os meus ombros tomaria a árdua tarefa de ensaboar esse tipo — o ricoço pseudo-brasileiro — para que perante a história compusesse desinclinado das chalaças com que o seringa o espírito português... Mas daí até admitir que nos confundam, a nós, os brasileiros genuínos, com o tipo que o comentador do Cancioneiro e outros literatos tem sempre diante dos olhos, é o que não pode ser... Trata-se de uma estranha confusão etnológica, e em pontos de ciência não há transigrir.

Tudo assim explicado, não há dificuldade em compreender que era algum desses figurões, patrióticos dele e admiráveis nossos, que tinha em mente o sr. Camilo quando à pag. 519 nos dá Fagundes Varela como o — intérprete dos merceiros que devem encher-lhe de figos de comadre — e não vejo razão para que toquem a reboste os entusiastas do lirico brasileiro, exigindo um novo Pirajá em desforço desta pazada quase tão feroz como a de Al-jubarrota.

Um dos mais, e mais injustamente, escalavrou dos pelo crítico do Cancioneiro, com esse efeito o nosso desditoso Varela. Mas por que? Porque era brasileiro? Não: porque é um dos muitos que o comentador julhou ao acaso e ao acaso censura. Não o conhece — e por isso lhe chama Fagundes como quem diria Manoel de Seixas... Não o leu todo — e por isso transcreve uma das mais fracas canções do poeta paulista e descobre que — ela denota árvore nova de muita seiva, mas atacada de pulgão e lagarto. Não se compenetrou das peregrinas belezas que se amoldam nos versos de Varela — e por isso deixa de fazer-lhe justiça, para apontar com dedo inexorável as *corcovas dos solecismos* de um prólogo escrito ao correr da pena, e produção dos primeiros anos, acabando por dar ao autor dos Cantos do ermo e da cidade a galante denominação de — sujeito híbrido dos Brasis.

Em tudo isto há o desacerto de um rigor tão exagerado, que só pode prejudicar ao crítico — a ninguém mais.

Não é que eu tome partido pelo prólogo de Varela contra a gramática e o sr. Camilo, o ortopedista de alicijos sintácticos; protesto somente, porque me dol ver o talento deprimido pelo talento, e o mérito real espinhado pelo imoderado e truantesco desejo de galhofa. O — *non ego paucis offendar maculis* — do velho Horácio não é lei que tenha caducado com as revoluções literárias: é máxima do bom senso, o qual, parece-me, não deve somente incrustar-se nas encacholas dos pacatos habitadores da rua dos Capellatas, e quem o comentador do Cancioneiro dedica o fruto de suas elucubrações, mas também iluminar o cérebro dos críticos, quando profiram sentenças de morte contra quem tenha o direito de viver eternamente.

Erros gramaticais! feia coisa na verdade, mas que, como o pecado da adúltera, podem ser levados à conta da humana fragilidade e perdoados por não se encontrar quem lhes atire a primeira pedra! O mesmo crítico que à citada pag. 516 tanto leva a mal o *lhe favoreça* de Varela, à pag. 102, no artigo em que patrioticamente disputa o título de português para o sr. Gonçalves Crespo, encarnicando-se em dar caça nos peregrinismos brasileiros, que erradamente supõe feição característica da hodierna poesia brasileira, vai cair sobre umas "phalenas a esvoaçarem-se nos andares" — novidade importante, porquanto até o penúltimo paquete não constava neste país dos botocudos que o esvoacar também fosse reflexivo.

Felizmente com outros poetas brasileiros menos acerto se mostrou o crítico. A Castano Filgueiras distingue com palavras de merecido elogio. Esfolham-se algumas... chufas sobre a campanha de Alvares de Azevedo, mas como não vem juízo tocante ao mérito deste, não há também injustiça a reparar. E Gonçalves Dias — desse dá-nos o Cancioneiro uma poesia mediocre com versos mal medidos, que cuidadosamente foram postos em relevo; mas nas poucas linhas do comentário, à pag. 283, saudá-o como o glorioso representante de uma escola a extinguir-se ou antes — como

CARLOS DE LAET VERSUS CAMILO CASTELO BRANCO

estrêla cadente nas brumas da serra, e para a qual, ao dobrar outra mais alcançada, ainda se ouvia com saudade.

Até aqui quanto à literatura brasileira, de que com mais individualidade me compete tratar; mas asseguro que os outros, os contemporâneos do sr. Castelo Branco, não foram tratados com menos dureza.

João de Deus, Teófilo Braga, Garçon, Garret, Bocage, todos, mais ou menos, recebem o seu quinhão de sátira — e que sátira! uma sátira calculadamente agressiva e que por vezes tanto se descomede, que não posso discriminar se é também injúria. Os antigos são de ordinário censurados como sem-sabor, pesados, e maneirados da velha graça portuguesa, — uma graça capaz de fazer chorar a graça francesa, chafalga de botica seguida de outra da mesma lala, em assembleia de ginjas, entre o arrote e a pitada... E os modernos, os revolucionários da Idéia Nova, oh! sobre esses chove da primeira à última página uma saraivada de romances, chistosos uns, à francesa, chocarreiros outros, como os dos ginjas supramencionados, mas instrumentos sempre de uma vindita implacável, não como a de Nemesia, que só de cima agita o brandão, mas como a do executor de alta justiça, que gota a gota deixava cair a pez fervente sobre o atenuado corpo dos réprobos.

Das vinganças de Henrique Heine disse alguém serem como as de Apolo, que de um talho arrancou a pele ao sátiro Marsyas.

O mesmo não se dirá de Camilo Castelo Branco: não esfolia só aos que empolga, leva-os também às grelhas, redu-los a bifes e, sem o menor escrúpulo, mandá-os à tábua com que convive, inspiradora, talvez, de tão agros rancores... Que o diga Guerra Junqueiro, a quem não isento do pelourinho a sua elevada hierarquia literária, do pelourinho onde o atou o sr. Castelo Branco, logo na entrada do livro, e onde padecer afrontas o hierofante do realismo, como escamoteador, que dizem ter sido, de dezessete rimas de quatro quadras.

Em resumo: o *Cançãoeiro Alegre* não é um livro de crítica sensata e imparcial; é um longo e picante libelo contra brasileiros e boudelairianos, principalmente, de quem o comentarista é o jurado Cabrinon.

Nem também aproveita como simples seleta: — dos poetas humorísticos e satíricos esqueceu-se o melhor, ao passo que para ali vieram a rastos escritores de gênero mais sério, dando-se-lhes bordoadas de cego, porque não eram assás patuscos. Pondere-se que neste repositório alegre entrou constrangido o Garçon e fechou-se a porta ao Nicolau Tolentino, e ter-se-á a medida do critério que presidiu à compilação.

No que se resume, pois, o mérito do *Cançãoeiro*?

No estilo do comentarista, somente, mas é muito; nesse admirável estilo sempre castiço, sempre fluente, sempre colorido, sempre natural, e tão atrativo que, virada a última página e descontentes do quanto tenhamos lido, ainda assim nunca damos por mal gasto o tempo consumido na leitura; no estilo, que é o homem, disse-o Buffon, mas que avulta como um semi-deus, quando esse homem tem a estatura literária de Camilo Castelo Branco.

E já longe vai o artigo... Para mais tarde fica a análise de outras obras recentemente publicadas; não que lhes faleça merecimento; mas à crônica espaço e talvez ao leitor paciência.

Carlos de Laet — *Revista Brasileira*, vol. 1, pag. 215 (1879).

III

Réplica de Camilo

Vem de molete agradecer nesta coluna de sinceridades ao sr. Carlos de Laet, distinto colaborador da *Revista Brasileira*, a moderação da sua crítica ao *Cançãoeiro Alegre*, que ele, na exuberância do seu critério denominou "livro de pulhas". Não de todos. Nacionais e brasileiros ficaram bastantes de fora. De resto, pareceu-me benigno e delicado o sr. Carlos de Laet.

Respondo às críticas em que há delicadeza e latim. Este escritor, zeloso do purismo da língua, acusa-me dum erro gramatical nos seguintes termos: "O mesmo critério... encorajando-se em dar enca aos peregrinismos brasileiros, que erradamente supõe feição característica da hodierna poesia brasileira, vai cair sobre umas "phalenas a esvoaçarem-se nos anda-ssus" — novidade importante, porquanto até o penditimo paquete não constava neste país que o esvoaçar também fosse reflexivo". Eu não impondo ao sr. Laet a minha infallível. Eu não impondo a pureza de língua; mas afito-me a pedir-lhe que aceite a de Antonio Feliciano de Castilho, que escreveu (*Chave do Enigma*, pag. 210 e 211): "...Vivo como que empastado, semi-pagão, semi-clássico, semi-republicano dos Grachos, semi-convida de Meccenas, semi-Titiro, semi-cati-vo das Corinas e Delias, e, com tudo isto, a esvoaçarem-se sempre da poesia que foi, ou que se nos figura lá atrás, para outra, que lá adiante ri aos tantos amigos da humanidade, aos utopistas".

Além do sr. Laet o verbo reflexo. O visconde não foi quem criou o esvoaçar-se; achou-o em Filinto Elycio; mas, se o criou, a sua autoridade

é tão poderosa que nenhum de nós pode rejeitar moeda nova cunhada por Castilho. O verbo reflexo, portanto, deve estar há muito tempo no Rio. Será bom procurá-lo na Alfândega.

Outro escritor brasileiro, o sr. Arthur — o da lendária bengala — também me atacou, porque eu no *Cançãoeiro* escrevi "contentar-se em...". Parece querer indicar-me que eu, se soubesse português, escreveria "contentar-se de...". Ora eu, às vezes, gosto de escrever mal a minha língua como D. Francisco Manuel de Melo; e então escrevo como ele nos *Relógios Falantes*: "Nenhuma árvore veréis que se contente em ficar no estado em que a plantaram".

Os senhores escritores brasileiros, que me enviavam preleções de linguagem portuguesa, se me quiserem obsequiar dum modo mais significativo e proveitoso, mandem-me um papagaio, uma cotia e alguns frascos de pitanga. Quanto a linguagem, muito obrigado, mas não se incomodem.

(Ecos Humorísticos do Minho).

IV

Resposta de Carlos de Laet

O *Cançãoeiro Alegre* é um dos livros de que mais se tem falado. Tantos e tão bons romances tem publicado o sr. Camilo Castelo Branco, e muitos passaram despercebidos; em torno daquela ruim compilação, tamanho ruído e vozeria... Oh! o escândalo é e será sempre o grande chamariz da atenção pública!

Os comentaristas, engraçados sempre, grosseiros de vez em quando, injustos muitas vezes do sr. Castelo Branco, encontraram por seu turno comentaristas não menos veementes e apaixonados. O tom da polémica desceu até nível-se com o dos mais descomedidos convícios. Deste lado do Atlântico o sr. Arthur Barreiros acenava ao literato português com o seu tira-dúvidas de Petrópolis, e da outra banda retorquía-lhe o sr. Camilo com alusões personalíssimas e gestos significativos.

Ates de acender-se tão renhida contenda, escrevera eu alguma coisa na *Revista Brasileira*, abstraindo, porém, de personalidades, respeitando ao sr. Castelo Branco um dos mais gloriosos representantes da hodierna literatura portuguesa, e fechando mesmo os olhos aos inveterados preconceitos que nutre contra os homens e as coisas do Brasil. Nesse artigo, a primeira das críticas do *Cançãoeiro*, na ordem cronológica, embora a última pelo mérito literário, foi meu principal escopo demonstrar com quanta severidade procedera o sr. Castelo Branco quando só doctos e satíras empregou para qualificar poetas da ordem do nosso desditoso Varela, unicamente pelo fato de o haver colhido em flagrante delicto de solecismo num prólogo composto em verdes anos.

Para condenar este processo crítico do ilustre romancista, encontrei então expressões que ora não me acodem e não duvidei asseverar que, aplicada semelhante regra e com igual rigor aos mais eminentes escritores portugueses, bem poucos sairiam ineluctos; que o sr. Castelo Branco, pelo menos, em tais apertos sempre havia de sofrer as suas arranhaduras... E para exemplo disso trouxe o verbo esvoaçar-se empregado pelo sr. Camilo.

Muito tempo decorreu e não vinha resposta às minhas desprezíveis observações. Isto, em vez de magoar-me, alegrava-me. O protesto eu o lavrara, e sem derramamento, não direi de sangue, que fôra dar uns ridículos laivos épicos a tão burguesa questionela, mas sem effusão de bilis, o que não acontecera aos oito críticos do *Cançãoeiro* pelo sr. Castelo Branco enfeitados num folheto bem pouco benévolo.

Entretanto, no folheto datado de 23 de dezembro próximo findo e publicado no *Cruzeiro* de 14 do corrente mês e ano, o eminente estilista digna-se responder-me e em termos amáveis. Isso porém, não obsta a que sustente o seu esvoaçar-se, especando-o com a autoridade veneranda de Castilho... Duas palavrinhas, se dá licença...

Se o sr. Castelo Branco respeita os críticos em que há delicadeza e latim, ou desmancho-me em tumbais as grandes razões de autoridade. Entretanto este não é precisamente o póto da questão. Condeno o esvoaçar-se porque nunca o li, nem o vi empregar; porque no iterativo de voar não descobri a procedência filológica da quele se, que é desnecessário ao sentido, sem dar mais eufonia à expressão nem lhe aumentar a variedade; porque, finalmente, entrando em dúvida, procurei o vocábulo e não o encontrei com forma reflexiva em fr. Domingos Vieira, nem no Constanção, nem no Faria, nem no Lacerda, nem no Moraes.

Se para invalidar essas razões bastasse uma autoridade contemporânea, mistér não fôra recorrer a Castilho, porque havia lá Castelo Branco. Diz a. s. que o vocábulo veio para cá e deve estar na alfândega; corro a buscá-lo, que não é para desprezar uma palavra em segunda mão, mas seja-me lícito observar que, se o famigerado esvoaçar-se destas plágas se dirigisse a Portugal, antes de o soltarem por lá, teria de curtir largo prazo de quarentena.

Além disso...

Além disso, aminh atese está de pé. Não serve ao sr. Castelo Branco o neologismo apontado? Quer novas e mais concludentes provas de que s. s. também cochila? Pois, aí as tem:

A página 34 da sua tradução O romance de um rapaz pobre, s. s. empregou a locução perder a cabeça. Ora, o sr. Tulio, nos *Estudinhos da Huguia pátria* compendiados pelo mesmo sr. Castelo Branco, considerou essa frase entre os galicismos mais frequentemente empregados pelos escritores indignos de tal officio. Nos *Estôdos de apreciações literárias*, pag. 102, encontra-se o vocábulo *adreme*, que aliás vem mencionando entre os galicismos no *Glossário* de fr. Francisco de S. Luis. *Afeiado* de doença moral lê-se no romance O *Esqueleto*, pag. 101, e o próprio sr. Castelo Branco aligures o catalogo como palavra alheia da textura do idioma português.

Finalmente na citada tradução *Romance de um rapaz pobre*, a pag. 24, podem danar-se os puristas ante um *Houveram* cousas terríveis... C sr. Castelo Branco quer que eu lhe mande uma cotia: pois tome a este *houveram* que também é bicho bravo, e veja se o acalma em S. Miguel de Seide.

Contudo, nota bene, ninguém vá supor que estulta e pretensiosamente me propús a dar quinquas no emérito estilista. Feliz me julgara se o houvesse por mestre de estilo e de língua. Os descaídos apontados, e que demonstram o meu aserto, nem fui eu quem os descobri; o seu a seu dono; deu com eles o sr. G. Bellegarde, e citou-os em um criterioso artigo publicado nesta folha em 30 de julho do ano findo.

Pelo que me toca, quando leio no sr. Castelo Branco, outros pensares me absorvem que não o desejo de catar pulgões gramaticais: domina-me completamente uma profunda admiração pelo seu bellissimo estilo, pelo vigor com que repele as investidas de filiaucosos competidores e ainda pela sua inesgotável fecundidade literária...

Estes dotes invejáveis eu os reconheci — desde o principio — no distinto escritor, que provavelmente continuará a afirmá-los logo que, em vez de comentários fermentados pelo seu azedume de crítico, nos enviar as criações desabrochadas na sua fantasia de romancista. (*)

(*Jornal do Comércio*, 18 de janeiro de 1880)

V

Novo artigo de Camilo

Ficou o sr. Laet de procurar na alfândega o esvoaçar-se; mas, a despeito da autoridade de Filinto e Castilho, não tencionava entesourá-lo no cofre dos seus verbos reflexos, porque não acha no esvoaçar-se razão para que seja reflexo.

O ilustre escritor não quer recordar-se das elegantes liberdades com que os regeneradores da língua portuguesa faziam, a bel-prazer da eufonia, verbos reflexos. Por exemplo, João de Barros, quando usou o verbo *escapullir*. Uma vez diz: "Teve Martin Afonso modo de *escapullir* daquela multidão" (III, VIII, 5). "Os outros arranjados quando souberem o concerto *quiseram escapullir*" (II, VII, 5). Outras vezes diz: "Os que não puderam *escapullir-se* punham em salvo quando podiam" (I, X, 9). Outro exemplo no *esocar*, metaforicamente: "Tiveram os nossos modo de se *esocar* deles" (II, VII, 9). E doutro feitiço. "Não curou de ir de rosto onde ele estava, e foi *esocando* para aquela parte onde tinha uma pequena porta" (II, IX, 1).

por...D?...ãfBmduv ETA IOHSRD

O sr. Carlos de Laet não mandou pitanga nem papagaio. Insiste em apresentar-me economicamente com preleções de língua portuguesa, em um belo folheto do *Jornal do Comércio*. Em resultado das investigações do perspicuo sr. G. Bellegarde nos meus livros o sr. Laet arpoou com gancho crítico e meteu na alcaça filológica para este ensejo oportuno, as seguintes coisas:

Que eu em um romance empregara a locução galicista: *perder a cabeça*, e apola-se no respeitável sr. Tulio, muito docil discípulo do antiquado D. fr. Francisco de S. Luis. Dizemos — perder o juizo, o tino, a razão. Porque não diremos *perder a cabeça*, se, neste caso, *cabeça* é sinónimo de *juizo*, *tino* e *razão*? O padre Antonio Vieira (tom. XV, pag. 182) disse: "Homem de tanta *cabeça*", como quem diz: "Homem de tanto *juizo* ou *talento*". Duvidaria Vieira dizer que essa *cabeça* que ele tomou na acção de *juizo* ou *talento*, se *perdesse*, se o *juizo* ou o *talento* se lhe apagassem? Nós dizemos frequentemente *perder os passos*, e *perder a coragem*, *perder o caminho*. Não o digamos pois, porque os franceses dizem: *perdre courage*, e *perdre ses pas*, *perdre son chemin*. Estas niquices do sr. Laet, em matéria de linguagem, denunciam o ranço filológico de 1820; são rabugices fradesacas do monge de Tibães, que, se vingassem, a língua portuguesa pararia em fr. Luis de Sousa.

O sr. Laet pode replicar que *perdre son chemin* traduz-se *errar o caminho*; mas eu digo a João de Barros que lhe responda: "Ambas estas coisas abutaram e espaltecaram tanto a armada que *perderam o caminho*. (Década III, l. 6).

O conselho de Garçon é mais racional e progressista:

Limite-se a pureza dos antigos. Mas sem escravidão, com gosto livre.

CARLOS DE LAET VERSUS CAMILO CASTELO BRANCO

Com polida dicção, com frase nova,
Que a fez, ou adotou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
umas se fazem velhas, outras nascem...
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes:
Candêes dizia *inimigo*, eu *inimigo*;
O noutro está que ambos expliquemos
Aquilo que pensamos: a energia
Do discurso e da frase não consiste
No feito das vozes, mas na força...

(SATIRA II)

Acusar-me outrossim de ter escrito nos *Esboços de Apreciações Literárias* o vocábulo *adrede*, que é galicismo. Confunde o sr. Laet com duvidosa boa fé um erro de imprensa com um inconsciente galicismo. No livro, a pág. 102, lê-se: "Os aparatosos *adredes* com que a análise se nos impõe é validade do critério". Isto não se percebe: mas se o sr. Laet ler *adredes* (atavios), como eu escrevi, entende logo a idêa, e o erro tipográfico. Note, porém, sua senhoria: se eu houver de dar a alguém um cartão da minha residência, digolhe à francesa: "aqui tem a minha *adrede*", porque me parece muito copioso, difuso e quase ridículo dizer-lhe, à portuguesa, como quer o cardeal Saraiva: "Aqui tem o bilhete da rua e casa onde eu moro".

Acusar-me o sr. Laet de ter escrito no *Esqueto* e galicismo afetado de doença moral. Abro o *Dicionário de Constanção*, e leio: *Afeção*, doença, manifestação. *Afetado*, tocado de doença, de palção. E depois escrevo: *Afetado de doença moral*, e aí tudo que escrevi clara e portuguêsamente a minha idêa.

Agora bomba deixei-a para o fim. O sr. Laet guardou também para remate a estocada de misericórdia. Diz que eu escrevera na versão do *Romance de um Rapaz Pobre*, pág. 34, o escandaloso *houveram* coisas terríveis. Este solecismo é realmente feio, é quase bastial. Se eu contasse com a confiança do sr. Laet, dizia-lhe que eu vivia no Porto há dezesseis anos quando esse romance foi impresso em Lisboa: que não vi provas, e só depois dele impresso soube que o editor, como se perdessem na tipografia algumas tiras do manuscrito, para não se incomodar nem me incomodar, mandara paginar o livro sem elas. E de supor que a inteligência que presidiu à paginação fiscalizasse as provas, o, no benigno intuito de me corrigir, em vez do *houve* coisas *terríveis*, emendasse *houveram*. E eu desculpo quem quer que foi: porque, se o sujeito era lido em Francisco Manuel do Nascimento, corrigiu-me autorizado pelo grande clássico que em prosa tinha escrito: "Houveram alguns que alumiados da graça do Espírito Santo adoraram o culto e a fé de Cristo". (De *viés* e *feitos* d'El-Rei D. Manuel, tomo I, pág. 20) E em verso tinha escrito:

Quero dar que em francês hajam formosas
Expressões curtas, frases elegantes.

(EPIST. AO AMIGO BRITO)

Bem pôde ser que o revisor tivesse também lido as "Obras Poéticas" de Francisco Dias Gomes, o grande gramático, e o nosso primeiro crítico, no conceito de A. Herculanio. Se o revisor que me fez do *houve* um abominável *houveram*, me corrigiu: atido à autoridade de tal mestre, procedeu judiciosamente, porque Francisco Dias Gomes nas suas "Obras", pág. 220, escreveu: "Constava este poema de 284 versos, nos quais haviam cinquenta e um tercetos, etc.", e a pág. 295, anotando a *Ode à língua portuguesa*, escreveu: "... Houveram varões dotados de tão alta fantasia que escreveram a história dos feitos gloriosos da nação portuguesa".

E também de presumir que o erudito revisor não desconhecisse os escritos do sábio Ferreiro Gordo, respeitador de autoridades irrefragáveis como Filinto e Dias Gomes, escrevia:

"E considerando a mesma Academia que nas bibliotecas haveriam algumas memórias, etc." (*Memórias da Literatura Portuguesa*, tom. III, pág. 2).

"Espanha e Holanda são talvez as duas nações onde sempre *houveram* os mais ricos depósitos de monumentos históricos a respeito de Portugal". (Id.).

"Ades desta proibição haviam vários (periódicos) que *solan*". (Id., pág. 28).

"Na livraria da casa de Vilmoso haviam os dois tomos..." (Id., pág. 31).

"Notícia das guerras que *houveram* na Índia oriental com o rei da Pérsia e ingleses contra portugueses..." (Id., pág. 79).

"Dizem que entraram mais de vinte mil casais em que haviam alguns de dez e doze pessoas" (*História e Memórias da Academia Real das Ciências*, tom. VIII, part. II, pág. 3).

Em suma, este venerando bibliófilo nunca escreve de outra maneira.

Se eu culpasse o revisor de pafvo, éle, apontando-me a dezena de lugares citados, poderia replicar-me: "Você é que é um amo, se cuida que escreve melhor português que Filinto Elyio, Francisco Dias Gomes e Ferreiro Gordo, hein?" E eu calava-me então; e agora dizia-lhe que, se era capaz, enviasse as mesmas *ameabilidades* ao sr. Laet,

Eu, cá de mim, é que *lhas* não transmito, porque ainda espero que sua senhoria me mande a pitanga, e mais a cacatã, e não me despeço de ainda lhe merecer o favor dum macaco, hein?

VI

Último artigo de Carlos de Laet

Mais uma vez honrou-me o sr. C. C. B., respondendo ao que escrevi no *Microcosmo* de 18 de janeiro. A resposta forma parte de uma extensa nota ao 3.º fascículo dos *Ecos Humorísticos do Minho*. Em discutir com tão bom mestre, sempre lucra o discípulo: discutamos pois.

Neste rápido perpassar dos eventos da semana cedo se esquecem os leitores até de coisas mais importantes: não serão, pois, inteiramente perdidas duas palavras para recapitular a questão.

O sr. Castelo Branco, avaliando no *Cancioneiro Alegre* o mérito literário de Fagundes Varela, houve-se muito injustamente, e, colhendo num prólogo alguns senões gramaticais, tanto bastou para condenar aquêle desditoso e inspirado poeta às gélidas do ridículo. Em um artigo publicado na *Revista Brasileira* em julho do ano findo, ofereceu-se-me ocasião para impugnar essa apreciação, e então não (duvidei asseverar que, se descuidos gramaticais fossem suficientes para abalar reputações fundadas sobre sólidas bases, bem poucas escapariam à cysura, sem executar a do sr. Castelo Branco, em cujas obras não poucas inadvertências podem ser notadas: o para prova trouxe o célebre *esvoaçar* se empregado no *Cancioneiro Alegre*.

Em um folhetim, segundo dos *Ecos Humorísticos do Minho*, partim, no *Cruzeiro* de 14 do corrente, o sr. Camilo sustentou o seu verbo com um exemplo de autor contemporâneo e pediu-me que, em vez do observações filológicas, lhe enviasse cotias e pitangas. Foi a isto que respondi em 18 de janeiro, fazendo ver não só que o vocábulo em estudo não era apontado por lexicógrafo algum, nem tinha justificação filológica possível, mas ainda que nos escritos do ilustre romancista muitos passos se notam, galicismos uns e outros em flagrante contradição com princípios gramaticais bem conhecidos... Seguiu-se a lista: um *perder* a cabeça, um *adrede*, um *afetado de doença moral*, e um *houveram* coisas *terríveis*, solecismo este último, e bravo, que muito respeitavelmente ofereci em lugar de cotia, para ser domesticado em S. Miguel de Seide. O sr. Castelo Branco volta, porém, ao assunto e explica tudo no citado fascículo 3.º... Vejamos como...

Ora, muito simplesmente! Em primeiro lugar há erros tipográficos; depois — cabeça é sinónimo de tino, razão, e assim como se diz *perder o tino*, também se pôde dizer *perder a cabeça*. *Afetado de doença moral* tem razão em que se abone no *dicionário de Constanção*, onde vem de *afetado*, quer dizer *toçado de doença*... E certo que estas expressões foram por fr. Francisco de S. Luis alfabetadas entre os galicismos, e mais recentemente pelo sr. Silva Tullio, porém... porém a língua portuguesa caminha e já não estamos em 1830...

Mas isto — poderia objetar algum impertinente — será admissível ao monge de Tibães; e o outro?

Quanto ao outro, é realmente engraçado que o sr. Castelo Branco averbe de suspeito o sr. Silva Tullio, em cuja autoridade me apoiiei, e não duvidei dizer que éle é "muito dócil discípulo do antiquado D. fr. Francisco de S. Luis". Em verdade não sei quando deva acreditar no sr. Castelo Branco! Se me firmei na autoridade do sr. Silva Tullio, foi porque o sr. Camilo me tinha recomendado, e aos estudiosos do idioma português, quando compendiou os *Estudinhos da língua pátria*, prefaciando-os com breves ponderações, nas quais opina que o mesmo sr. Tullio é mestre competentíssimo, eminente filólogo e que "cede atinadamente às urgências da tempo, transige com o inevitável fado das linguas e dispensa-se do impertinente purismo que no próprio frei Luis de Sousa malinha descuidos". Confronte o sr. Castelo Branco este seu dizer com o que hoj apenas e dignamente depois o que devo aceitar.

Restavam o *adrede* e o *houveram* coisas *terríveis*. São erros de imprensa. O meu ilustre contendor chega a qualificar como duvidosa a minha boa fé, só porque, tratando-se de s. s., não li *adredes* onde estava *adrede*, nem houve onde se encontrava *houveram*. E exigir muito de um pobre leitor; e se não, porque é que o sr. Camilo não lê assim aos que critica? Além disso esses descuidos dos tipógrafos e revisores do sr. Castelo Branco foram primeiro observados, não por mim, como logo declarei, mas pelo sr. G. Bellegarde, paciente e extremado cultor da língua e das letras patris, o qual na *Revista Brasileira*, em que colabora, muito bem poderá ventilar essa e outras questões.

Os tipógrafos e revisores são uns homens despidosos que muitas vezes nos põem em talas. No caso vertente os do eminente literato a quem me honro de contestar, deixá-lo-lam singularmente comprometido, se não viesse agora a sua explicação. Em boa hora, pois, foram feitas os meus reparos! Assim não fôra, e, passados mais alguns

séculos, quaisquer escavadores de filologues poderiam talvez, fortes no seu Castelo Branco, sustentar entre outras coisas que *adrede* é português.

Que não é, admite o sr. Camilo; mas logo em seguida declara que — se houver de dar a alguém um cartão da sua residência, dir-lhe-á à francesa: aqui tem a minha *adrede*, porque parece muito copioso, difuso e quase ridículo dizer, à portuguesa, como quer o cardeal Saraiva: *Aqui tem o bilhete da rua e casa onde moro*. Com efeito, é difuso, é; mas não há mistério de tanta coisa... Basta dizer simplesmente: *Aqui tem o meu endereço*. Se o sr. Castelo Branco se der ao trabalho de tornar a abrir o seu *Constanção*, lá encontrará que — *endereço* também significa o bilhete de visita em que está escrito o nome da pessoa e a sua morada; que é pouco usado, mas merece sê-lo, porque não temos outro equivalente para a francesa "adresse", neste sentido.

Muito para notar é igualmente a contradição em que csi o sr. Castelo Branco com relação ao emprego do seu *houveram* *homen*. E solecismo bestial de um revisor de provas, de zs. s.; mas depois começa a trazer atenuantes, como se tratasse de excusar delicto próprio e val pedir aos clássicos uns retalhos de construções erradas. Os clássicos prestam-se complacentemente, e aí temos o sr. Castelo Branco a catalogar cincadas (ou erros de imprensa) do venerando Francisco Manuel do Nascimento, e mais de Francisco Dias Gomes, e ainda do sábio monsenhor Ferreira Gordo.

Todos estes varões, como se apurou da recente indagação do sr. Camilo, fizeram concordar o verbo *haver* com o pseudo sujeito do plural... Deus lhes perdoe! mas enfim, se eles estavam no certo, o que disto posso concluir não é favorável ao compilador do *Cancioneiro Alegre*, visto como já não vejo razão que o induzisse a criticar tão acerbamente ao Varela um engano que, podendo ser também erro tipográfico, quando não o fosse, tinha por si o respeitabilíssimo exemplo dos Filintos, Dias Gomes e Ferreiros Gordos.

Nesta questiuicula, em que vejo mais sintaxe que interesse, o sr. Camilo veio lançar em meu espírito os germes do mais triste ceticismo. Há quem duvide de Deus, duvidam outros da imortalidade da alma, outros da existência dos corpos, e eu cá fico duvidando das regras do verbo *haver*. O sr. Castelo Branco deve reparar a perturbação em que me deixa, e legislar definitivamente sobre a matéria; admite a opinião do predileto Constanção e dos outros príncipes lexicológicos, ou inclina-se mais ao simpático e reverendo Ferreiro Gordo? Pensa com o colecionador do *Cancioneiro Alegre* ou com o folhetinista dos *Ecos Humorísticos do Minho*? com o crítico implacável de Varela ou com o patrono de idénticos solecismos em escritores de boa nota?

Qualquer que seja a decisão do sr. Castelo Branco, desde já me apresto para reconhecê-la excelente. Assim pudesse eu fazer em tudo a vontade do distinto literato português, quando tanto insiste para que eu destas plagas lhe envie a pitanga e o macaco! De pitanga não é mais tempo, e quanto ao macaco entro a hesitar se devo mandar-lho do antigo ou do novo continente.

Sim, porque os há de uma e outra parte do Atlântico, fique o sr. Camilo sabendo...

Catarrinos e platirrinhos — chamou-lhes o eminente zoologista Saint-Hilaire.

Estes, os meus patricios, têm as narinas separadas por largo septo, 32 a 36 dentes, cauda aprensora.

Aquêles, os compatriotas do sr. Castelo Branco, têm o septo nasal pouco espesso, sacos nas bochechas, e calosidades nas nádegas.

Agora é escolher...

(*Jornal do Comércio*, 28 de março de 1880).

1 — Os trabalhos relativos a esta polémica — tanto os de Laet quanto os de Camilo — são transcritos da *Revista de Cultura*, desta capital (vol. 3.º pág. 225).

DICIONARIO ETIMOLOGICO LATINO

Já em terceiras provas, apesar de um pouco atrasado, espera-se, para breve, lançamento do primeiro volume deste *Dicionário* da autoria do padre Auguste Magne. Obra de moldes inéditos, poderá se equiparar, se não o superar, com o *Dicionário Medieval e Clássico da Língua Portuguesa*, do mesmo autor.

A conclusão deste volume só dependerá da Imprensa Nacional, que, não obstante sua boa vontade, não poderá fazer milagres. *Ad impossibile nemo tenetur*.

Por sua parte, o I. N. L. tem feito o que está a seu alcance para o rápida execução dos trabalhos. E se não progredim como é de desejar, não é o Instituto que deve entoar o mea culpa.

E uma iniciativa digna dos mais altos elogios, esta do Instituto Nacional do Livro, que vai dando à cultura brasileira obras de tão grande valor.

Algumas canções traduzidas

Mucio Leão

DE UM FRAGMENTO DE GALLUS

Se tu me sorris,
Nos teus olhos vejo
Um suave lampejo;
E em teus lábios canta
O rumor de um beijo...

— Quando me dirás
A palavra doce,
Que eu ouvir desejo?

A VIOLETA

(Goethe)

Nascida ali no prado, abandonada
Do seu pobre destino à desventura,
A violeta vivia, e era ignorada
Da manhã toda luz, da noite escura.

Eis que na curva do caminho breve
Uma linda visão de mulher passa:
Vem, vai chegando, alegre, suave e leve,
Uma pastora toda encanto e graça.

"Al de mim" — pensa a flor — "al, se eu pudesse
Ser a mais bela flor da natureza,
Para que a doce amada me colhesse
E no seu seio me trouxesse presa!

Al, se somente por um breve instante
Sobre o seu seio claro eu repousasse!
Se eu lhe beijasse a carne palpitante
E com o meu doce aroma a perfumasse!"

Mas ah! veiu a pastora indiferente.
Nem atentou para a florzinha escrava!
Pisou a pobre... E a pobre alegremente,
Ao ser calcada, trêmula, pensava:

"Al, que delícia, a de morrer agora,
A de morrer cheia de amor lindando,
Pisada assim pela gentil pastora,
Pisada assim pelo seu pé tão lindo!"

A ROSALIA

(Manuel Curros Enríquez)

Na praia... era ela
Que eu via passar:
Na frente uma estrela,
No lábio um cantar.
Estava sozinha.
Na noite sem fim.
Tão só, que eu rezei pela pobre louquinha,
Eu, que não tenho quem reze por mim!

A pobre louquinha,
Passou... se escondeu...
Comida dos lobos,
Comida morreu.
São os ossos dela
Que vamos guardar.

Al de quem leva na fronte uma estrela!
Al de quem leva no lábio um cantar!

CAMINHO LONGO

(Ramon Cabanillas)

Caminho, caminho longo,
Caminho da minha vida,
Escuro e triste de noite,
E triste e escuro de dia...
Caminho longo
Da minha vida!

Estrada, estrada tão torta,
Em duras laíras aberta,
Toda cercada de tojos,
Coberta de lama e poeira...
Estrada torta,
Aonde me levas?

Caminho, caminho longo,
A neve, as chuvas e as silvas
Encheram-me de fragor,
Cobriram-me de feridas...
Caminho longo
Da minha vida!

Estrada, estrada comprida,
De fontes tristes, sem água,
Sem árvores que deem sombra,
Sem choças que deem pousada...
Estrada infinda,
Quando é que acabas?

D O R

(Afonsina Storni)

Nesta doce tarde de Outubro, eu quisera
Passear pelas praias longínquas do mar.

Que as areias brancas e que as águas verdes
E que os céus tão puros me vissem passar.

Quisera ser alta, soberba, perfeita,
Como uma romana, para combinar

Com as enormes ondas, com os rochedos rudes,
Com as imensas praias que bordam o mar.

Serenos meus passos e frios meus olhos,
Muda minha boca... me deixar levar...

Ver como se quebram as ondas azues
Contra as duras rochas, e não recear.

Contemplar as aves ágeis que devoram
Os peixes mudos, e não aspirar.

Ver que no meu encontro, fitando as estrelas,
Vem o homem mais belo; e não o desejar...

Embeber meus olhos, distraidamente,
Embebê-los longe, sem nisso pensar...

E sentir, tranquila, sob o céu, na praia,
Todo o esquecimento perene do mar.

CANÇÃO

(Maeterlinck)

Procurei trinta anos, minhas irmãs.
Onde está? Não sei...
Caminhei trinta anos, minhas irmãs.
Nem me aproximei!

Caminhei trinta anos, minhas irmãs.
Meus pés se forçaram.
Ele estava em tudo, minhas irmãs:
Meus olhos não viram.

Esta hora é tão triste, minhas irmãs.
Quero paz e calma.
A noite vai morrer, minhas irmãs.
Sofro tanto na alma!

Vocês são tão moças, minhas irmãs!
Vão aqui e além!
Meu bordão eu dou-lhes, minhas irmãs.
Procurem também.

CANÇÃO

(Maeterlinck)

Um dia mataram três menininhas,
Pra ver o que tinham no coração.

A primeira tinha a felicidade.
E em toda parte onde correu seu sangue
Três serpentes silvaram durante três anos.

A outra tinha a docura e a bondade.
E em toda parte onde correu seu sangue
Três cordeiros pastaram durante três anos.

A última tinha a infelicidade.
E em toda parte onde correu seu sangue
Três arcanjos velaram durante três anos.

NOTURNO

(Juan Vidal Martínez)

Cantam as estrelas no céu e no rio.
Cantam as estrelas
s cantiga branca
dos momentos líricos.

Que dor tão profunda nesta hora eu sinto!
Tem o meu silêncio
um tremor de lágrimas
saudoso e divino...

Cantam as estrelas no céu e no rio.
Cantam as estrelas
a cantiga pura
dos momentos líricos.

A MENTIRA DO JUDEU

JOÃO RIBEIRO

No ano de 593 estando em Olinda o licenciado Heitor de Mendonça, Visitador do Santo Offício, foi denunciado à sua presença um velho adelo e roupavelheiro de nome Gil Gomes, acusado de judaísmo.

Declarou Gil Gomes que era cristão velho, natural de Almeirim, observando da fé de seus pais e que muito jovem viera do Reino para a Bahia e al servira de sacristão do bispo Dom Pero Fernandes Sardinha a cujas abas e proteção vivera por dois ou três anos.

A este ponto, o Visitador que tomava apontamentos para o seu Tratado sentencioso moral e descritivo do Brasil, interessado pelo depoimento, perguntou se efectivamente o bispo tinha sido comido pelos cahetés.

— Pelo contrário, disse o velho Gil Gomes; o bispo não foi comido e até foi ele quem comeu...

— Mentos, miserável judeu! Como podes afirmar semelhante coisa? Morrerás a fogo se não falares a verdade.

— Senhor Visitador, eu estive no naufrago da nau — Nossa Senhora da Ajuda — que se quebrou nos parreiros do Coruripe. Os naufragos fugiram e ficamos em terra, apenas dois, o bispo e eu. Haverá mais de cinquenta anos que isso foi, e é bem possível que a minha memória enfraquecida cometa algum desfalhecimento.

— Prossegue, ordenou o Visitador.

— Ficamos os dois, e realmente seríamos comidos dos cahetés, não fosse uma inspiração minha que lembrei ao Bispo a conveniência, naquella transe, de dizer uma missa. E assim se fez.

Armamos um tosco altar, alçamos uma cruz feita de lenho da floresta e o bispo rezou a missa que supunha ser a última do seu mistério. Mas qual não foi o nosso espanto, vendo o gentio ajoelhado, mudo e contrito, deante do santo sacrificio. As próprias aves em torno entoavam os louvores ao Senhor.

Estavamos salvos! O cacique Teju-guaçu desde então se tornou o maior amigo de Dom Pero.

a quem fez particulares obsequios e deu-lhe para o seu serviço a gentil e formosa Ganumbi, a flor da taba caheté.

As santo cresceram-lhe as barbas que a indiazinha anediava docemente, quando num dia de fortes calores, Dom Pero tentado do demónio, chamou a si a linda Ganumbi e comeu-a a dentadas...

— Mentos ainda, miserável judeu! Clamou o Visitador indignado; mas pensando nos apontamentos para o seu Tratado sentencioso, ordenou ao judeu que prosseguisse.

— Realmente (continuou o judeu) eu nada vi por meus olhos, mas vi que todos os indios gritavam:

— O abaré comeu a india! abaré comeu Ganumbi! E já a prestavam a desforra. As velhas dançavam e punham a ferver o cauíra para banquetear-se nas gorduras do santo homem. Dom Pero arrependido, consternado, em lágrimas, de sua própria mão foi buscar a fangagema espécie de

clava com que havia de ser abastido, sacrificio pequeno para o seu grande erro.

Foi neste ponto que chegou Teju-guaçu, o cacique, que dando um pontapé nas iguabas de cauíra livrou Dom Pero da morte.

— O abaré é meu amigo, disse o cacique. Não faltará por aí outros Perés para serem comidos.

E como eu era o único Peré (assim chamam eles aos portugueses) que ali havia, dei a perna quanto

pude e vim parar a Capitania de Pernambuco.

Aqui acabou o depoimento. Gil Gomes foi remetido a Lisboa, como judeu mentiroso, negativo e relapso, para os cárceres da Inquisição.

NOTA — Daremos mais tarde o parecer do Doutor Balthazar dos Santos, teólogo conimbricense, sobre o Tratado sentencioso, moral e descritivo do Visitador e sobre o embuste do judeu.

DICIONARIO MEDIEVAL E CLASSICO DA LINGUA PORTUGUESA

Após gigantesco esforço, acha-se na fase dos retoques finais o *Dicionário Medieval e Clássico da Língua Portuguesa*, de autoria do Pe. Augusto Magne, S.J., em edição do INST. NACIONAL DO LIVRO. Esse Dicionário — é de ver — não é o mesmo de que o Autor nos deu amostra já lá se vão dez anos. O projeto primitivo passou por repetidas transformações; a falta de pessoal técnico embarçou o prosseguimento do trabalho; e, mais que tudo, o asobramento da Imprensa Nacional, cuja deficiência de quadros é grande, foi o principal fator de retarda-

mento do Dicionário. Embora não venha a lume ainda este ano, já se encontra praticamente concluído o 1.º volume, que receberá o imprimatur nos inícios de 1949.

Abraçará 537 páginas de texto, a saber, de A-AP, e atingirá cerca de 800 páginas com o prefácio, bibliografia e suplemento.

Apesar do seu título, o Dicionário averbará também os vocábulos modernos, o que será objeto de uma subepígrafe. Está, portanto, de parabéns a cultura brasileira, enriquecida com esta nova e valiosa contribuição do Pe. Augusto Magne.

A VIDA DOS LIVROS

CARLYLE

I

Dois poetas da Paixão

A Inglaterra — aquele "navio que Deus na Mancha ancorou" — existe para oferecer ao mundo o espetáculo de todos os contrastes.

E o país dos esnobes mais irritantes e o país dos mais duros poetas líricos; o da hipocrisia e o da santidade; o da opressão dos reis e dos costumes e o da busca da liberdade; o da moral mais rígida e convencional e o da licença mais irreverente e trêfega. Estranho país, que torna impossível viver em seu território a um homem como Byron, que condena ao desprezo público um homem como Wilde, e que, entretanto, se delicia em receber no rosto as flagelações vergastadas da sátira de Shaw!

Um dos contrastes mais singulares da singularíssima alma inglesa é o que representa o nascimento em terra britânica, a vida vivida em terra britânica, a obra criada em terra britânica, de um homem como Carlyle.

Ninguém — é certo — mais inglês fundamente amado e lido e compreendido dos ingleses do que Carlyle. E, contudo, ninguém menos inglês do que esse formidável gênio de paixões.

Carlyle é a paixão — mais o amor, mais a eloquência e a poesia autocrata, mais o infinito amor à história, mais isso ou mais aquilo: porém e, essencialmente, irremediavelmente, a paixão. Toda a sua considerável obra de historiador, de ensaísta, filósofo, toda ela se explica por esse vocábulo mágico e prestigioso, segredo da criação literária mais fulgente. É a paixão que revela Carlyle, que nos dá a chave do seu singular mistério. É ela que nos transporta àquela atmosfera de entusiasmada poesia que achamos em cada página de seus livros — em seus livros de história, principalmente, mas também em seus livros de sátiras contra os costumes ingleses, ou melhor, contra os defeitos humanos. Que página de maior paixão, paixão revoltada, porém contida, conheçamos a literatura — já não direi apenas a inglesa, porém a universal, — do que aquela famosa coleção de preceitos morais que ele escreveu para os porcos, e na qual transferiu para esses animais da lã e do chiqueiro tudo aquilo que deseja dizer para os homens e contra os homens?

Sim: Carlyle é todo paixão. E, portanto por isso, já compreendemos o motivo por que tão fundamente o amou. Não eloquentemente o celebrou, Rui Barbosa. E nesse imenso e torrencioso e maravilhoso território que o inglês e o brasileiro se encontram, dão-se as mãos e trocam um ósculo de fraternidade.

Não, como Carlyle, é também a paixão, e só a paixão explica a sua obra. Paixão política (ou melhor: paixão pela política); paixão literária (ou melhor: paixão pela literatura).

Se fosse necessário demonstrar o que digo, bastaria remeter o leitor aos momentos em que lá nascendo a obra infante de Ruy: ao seu permanente apostolado na imprensa, à sua atuação reverberante na tribuna parlamentar, ao seu trabalho sem trégua na tribuna do foro.

Mas o momento máximo em que é evidente a força com que em sua alma age a paixão é a ocasião em que se encontra em Londres, fugindo à sombra das perseguições borbonistas. Não distante do Brasil, defluído de tudo. Pensa em viver unicamente para si e para a sua família, e recusa ab-

tematicamente os trabalhos que lhe vão sendo oferecidos. Mas, um dia, lhe cai em mãos a notícia de que em Paris, um homem, um pobre oficial do Exército, sofre uma injusta opressão. Aquela violência e aquela injustiça tocam a alma que reverbera ao contato de qualquer iniquidade. E eis, Rui, despertado pela paixão, lançando-se à pugna jornalística em favor de Dreyfus.

Ninguém, pois, mais apropriado para compreender e louvar Carlyle do que aquele que foi verdadeiramente o irmão pelo coração e pelo espírito do grande inglês.

E o fato é que ninguém definiu melhor do que o autor de Cartas de Inglaterra o fêto e o gênio do autor de *Sartus Resartus*. Ninguém viu melhor aquela "inflexível sinceridade, o ingresso dos seus contrastes, o bravo das imagens que lhe povoam o estilo, a luta contínua da sua originalidade com os preconceitos e as convenções sociais, o seu entusiasmo pelas expressões heroicas da individualidade humana, o fragor das suas apostrofes, as mutações indefiníveis do seu humorismo, melancólico e ridículo, austero e escarregado, eloquente e brutal..."

E Rui encerra aquela sua apreciação eloquentíssima com uma das imagens mais impressionantes e nítidas da prosa brasileira. Diz ele, depois das frases que já citai: "...a própria monotonia de certas correntes de seu pensamento, iterativas e periódicas, como certos ventos em certos quadrantes do céu, dão a lembrar um panorama de penhascos escavados à borda das águas azuis, com o cristal das ondas franjando-se em espuma branca; a marulhada rebrandindo contra os promontórios silenciosos, o voo solitário das aves marinhas, e por cima, nas trevas da procela, quando as falcões não estufam pelas arestas atrevidas, a eterna calma do firmamento: a força, o conflito, a pureza, a eloquência, a imortalidade."

Eis aí, em uma arrebatada imagem oratória, uma síntese crítica de lúida compreensão.

É curioso considerar que esta vigorosa página, em que encontramos o retrato da alma de Carlyle, contém, com o maior rigor e a maior exatidão, a própria alma de Rui — aquela alma agitada por incessantes conflitos, iluminada pelos raios das estrelas, embalsamada pela sonoridade das músicas eternas. No brasileiro como no inglês, temos o espetáculo da mesma solidão das agrestes penedras batidas dos grandes ventos, agitando pelas raívoas procelas, e revelando em tudo a sua força, a sua pureza, a sua eloquência, o esplendor incomparável de sua imortalidade.

Carlyle, Thomas — *História da Revolução Francesa*. Tradução e prefácio de Antônio Ruas. Edições Melhoramentos. São Paulo, 1948, 774 pags.

Se Carlyle é todo paixão, todo Carlyle está contido na *História da Revolução Francesa*, agora traduzida para o português e editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Carlyle, mestre e modelo de historiadores de todos os países do mundo, é, entretanto, um historiador desconcertante. Ele despreza os elementos essenciais, que certo tipo de professores didáticos do gênero nos dá como a própria alma das boas obras históricas: despressa, em primeiro lugar, as datas. Toda essa longa e maravilhosa crise da al-

ma humana, que ficou cristalizada com o nome de Revolução Francesa, está aqui minuciosamente descrita; mas se quisermos saber-lhe as datas principais — a da tomada da Bastilha, a do sacrifício de Maria Antonieta, a da morte de Robespierre — teremos que recorrer a outras fontes. Carlyle não se preocupa com elas.

E isso, certamente, que transmite a estas páginas o caráter antes de um vasto poema em prosa do que o de um perfeito tratado histórico. *A História da Revolução Francesa* é, com efeito, um poema épico, a Ilíada daquele grande momento humano. Haveria desde já um curioso traço a ser apontado como ponto de contato entre o sistema de Carlyle e o dos cantores homéricos: a interferência a todos os momentos do autor, entre as figuras que ele vai pondo em cena e os fatos que vai narrando. Carlyle é abundante nas invocações, nas considerações morais, no louvar ou no deprimir os personagens que evoca. Em meio a uma cena intensamente dramática que nos vai contando, achamos de repente um vocativo patético ou eloquente, e com esse vocativo a mudança do ritmo da narrativa, da prespetiva, da paisagem moral em que nos encontramos. Narra, por exemplo, a expectativa da morte de Luiz XV. Mostra-nos o rei na sua câmara já quase abandonado de amigos e de cortejos, lá pontuais até então, e passa a falar-lhe na segunda pessoa: "Sim, pobre Luiz, finalmente a morte te encontrou!... Nem os muros do palácio, nem os guardas reais nem as tapeçarias caras, e nem o formalismo dourado do mais rígido cerimonial a puderam afastar: ela aqui está, para te tirar o teu sópo de vida, e há de tirá-lo..." E como essa, outras longas e às vezes comovidas exortações, que ele dirige às figuras históricas que povoam estas páginas — Maria Antonieta e Madame de Staël, Mirabeau e Marat, tantos outros.

Seria possível indicar até certo paralelismo entre as situações da História da Revolução Francesa e da Ilíada. O capítulo de Carlyle intitulado *A Proleção* é, por assim dizer, a réplica do terceiro canto do poema homérico, no qual vemos Helena, a dos brancos braços, indicando a Priamo os nomes e as histórias dos guerreiros gregos que desembarcam diante de Troia.

Ora, tudo isso parecerá desconcertante aos espíritos normais e tradicionalistas, aqueles que se habituaram a considerar a história um gênero determinado, obedecendo a rígidos processos, fora dos quais o que existe é a babulância e a confusão, ou quando muito o território detestável da Imaginação e da Poesia... É fácil compreender, portanto, a impressão de surpresa, de estranheza, de absurdo, que um espírito reto e claro, todo geometria e lucidez, como o de Taine, recebeu ao entrar em contato com a História da Revolução Francesa de Carlyle.

Os críticos e os historiadores literários nos dão conta do imenso esforço de pesquisa que ao grande escritor inglês impôs a composição desta sua obra. Car-

lyle visitou todos os arquivos, esquadrou todas as bibliotecas e todos os museus, percorreu todos os cenários em que a revolução se processou e evoluiu. E talvez já se tenha feito para o seu grande livro o que já se fez para a *Odisseia* ou *Os Lusíadas* — uma espécie de roteiro geográfico, mercê do qual poderemos realizar, tendo o historiador inglês como guia, a imensa viagem da revolução que modificou a face moral e social do mundo.

Em Taine, porém, encontramos uma indistinta queixa contra Carlyle, pelo fato de não haver o escritor inglês compreendido bem a Revolução Francesa. "Ele só viu o mal (diz-nos o autor da História da Literatura Inglesa) na Revolução Francesa. Julga-a tão injustamente quanto julga Voltaire, e pelas mesmas razões. Não compreende a nossa maneira de agir, como não compreende a nossa maneira de pensar. Procura nela o sentimento puritano, e como não o encontra, nos condena. A ideia do dever, o espírito religioso, o governo de si mesmo, a autoridade da consciência austera, em seu entender, são os únicos elementos que podem reformar uma sociedade gasta, e nada disso se encontrava na sociedade francesa..." Taine falava assim, inspirado certamente pelos seus preconceitos de amor à França, e em uma época em que não havia, ele próprio, estudado a fundo a Revolução Francesa. Seria curioso, já agora, mercê de uma confrontação das Origens da França Contemporânea com a História da Revolução Francesa, verificar qual dos dois — Carlyle ou o próprio Taine — teria compreendido menos aquele movimento que brotou no coração francês e modificou a face do Universo.

Vasconcelos, José Mauro de — *Barro Blanco* — Instituto Progresso Editorial — IPE — São Paulo, 1948 — 289 pags.

José Mauro de Vasconcelos é carioca, conforme vemos na pequena informação biográfica que acompanha este seu romance. Mas com Barro Blanco ficou incorporado a essa já numerosa e fulgurante pleiade de romancistas nordestinos, a essa família de escritores forrados de intensa caridade humana, que têm desvendado aos nossos olhos o imenso mundo do sofrimento e de angústia, que é aquela parte do Brasil.

Barro Blanco é o romance das salinas do Rio Grande do Norte. Mas não é somente o romance das salinas: podemos dizer que é o romance de todo o Rio Grande do Norte. Em suas páginas, realmente, encontramos a vida do retirante nordestino, perseguido pelo sol inclemente, pela fome e pela sede, e deixando povoados de suas tristes ossadas os caminhos ilusórios que deveriam levá-lo para, já não se diga a fartura e a fortuna, ao menos um gole de água e um agro de carne de xarque... A esse aspecto — o das secas — que abrange parte de Barro Blanco, prende-se, por exemplo, aquela dolorosa cena de uma família de sertanejos, que desesperada de qualquer amparo da terra ou do céu, jazia delitada sob um cajueiro já sem folhas, deliberada a fenecer ali.

Mas a parte relativa à seca abrange apenas uma região (se assim podemos dizer) desse romance. O seu núcleo verdadeiro é a vida das salinas.

Nas páginas de Barro Blanco vemos abrir-se diante de nossos olhos o cenário de um mundo inteiri-

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Muelo Carneiro Leão

ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:	Annual	Semestral	Trimestral
Forte simples	Cr\$ 100,00	Cr\$ 55,00	Cr\$ 30,00
Forte registrado	Cr\$ 120,00	Cr\$ 65,00	Cr\$ 35,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-8225.

Impressão nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

- Avenida Almirante Barroso nº 72, 13.º andar — Fone: 22-8881, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.
- Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.
- Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

Para números atrasados: os dois últimos pontos acima (além da redação).

"SÃO PAULO" COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sociedade no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

A VIDA DOS LIVROS

mente estranho a nossas condições e a nossas condições de filhos da cidade. José Mauro de Vasconcelos mostra-nos o que é aquele interior do sal: os homens presos ao suplicio do trabalho que lhes abre em plagas os pés, que os contaminam de uma lepra própria dos que vivem pisando no tel — o maxixe.

É esse suplicio, que já não cessa, leva muitos infelizes ao ápice do desespero. Quantos deles só encontram remédio para o seu desespero na morte — como aquele misero Antonio Maranhão, que encolheu o corpo no mar!

É sugestiva a força com que José Mauro de Vasconcelos nos pinta certos vultos de sertanejos que povoam o *Barro Branco* — aquele Chico, expansivo e alegre, tão ligado à vida, que foi morrer na barcaça louca que se perdeu no mar; aquela deliciosa Joaquina, cujos seios tinham sido moldados pelosinhos de rouxinol, e que tinham a dureza e a forma desses pinhos... tantos outros.

Barro Branco poderia servir de fonte aos coletores de exemplos para um vocabulário de brasileirismos. A saborosa, derramada e pitoresca prosódia do nordestino foi aqui anotada. Eis alguns exemplos:

— **Xenhenhem** — "Cometagem para fazer xenhenhem. O gostoso do amor é o xenhenhem" (pág. 38). É o próprio autor dá a significação do vocábulo: "O xenhenhem é o máximo da carícia de duas pessoas que se gostam".

— **Chafurdo**. "Saído do meio do chafurdo". (Cremos que significa briga, conflito).

— **Afolosado** — "A coroa, a bela coroa de Joaquina, tinha afolosado de um lado e pendia sobre o seu ombro". (pág. 79).

— **Pigorar** — "Muita gente viverá pigorando a sua mocidade e a sua força". (pág. 89). Será inventando?

Etc. A ação de *Barro Branco* prende-se a uma certa ilha misteriosa, chamada Manoel Gonçalves, que pertencia a Macau e teria desaparecido, tragado pelo mar, em 1825. É nessa ilha que mais tarde, de repente e malferido, em sua carcaça louca, vai enlutar o morrer o pobre Chico.

Como se vê, ainda aí existe uma sugestiva cor-

rente de poesia folclórica, quer dizer, de poesia brasileira.

— Green, Julien — *Leviatã* — Tradução de Almeida Sales — Instituto Progresso Editorial — IPE, São Paulo, 1948 — 274 pags.

Escrevendo acerca deste seu livro, disse Julien Green: "Eu sou todos os seus personagens". E isso dá a medida da riqueza e da complexidade da alma do romancista.

Leviatã é um romance de sofrimento, de dor, de obsessão, de amor e de desejo. É todo um mundo ardente, melancólico e ao mesmo tempo medíocre e pequenino, que povoa as suas páginas.

E não só o mundo dos personagens: o mundo também dos aspectos físicos, do desenho das coisas, da paisagem, em que sua ação se desenrola.

É numa localidade húmida, não longe de Paris, que o pobre professor Guéret vai esconder a tristeza de seu destino. É ali que ele encontra aqueles homens vulgares, aquelas mulheres torpes e vis, mais ou menos prostitutas ou medianeiras da prostituição, como a dona do restaurante, Madame Londe.

Tudo isso — a inferioridade do mundo que o cerca, a vulgaridade das almas com as quais está em contacto, a mediocridade de seu misero destino — tudo isso vai constituir a força imperiosa que o precipita a negros abismos, que o leva ao desespero, ao ódio e ao crime. É tudo isso (concluimos) que o escritor define com o vocábulo prestigioso que serviu de batismo ao seu livro. *Leviatã* é, pois, a vida, a força inevitável da dor de todas as vidas, aquilo que chamamos destino.

— Roll, Eric — *História das Doutrinas Econômicas*. Tradução de Cid Silveira — Biblioteca do Espírito Moderno, História e Biografia, Vol. 49 — Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1948, 526 pags.

— Viana, Hélio — *Estudos de História Colonial*. Brasileira, Vol. 261 — Companhia Editora Nacional, 1948 — 318 pags.

— Henrique, Paulo — *Panoramas da História* — Distribuição da Editora Brasileira Ltda. — São Paulo, 1948 — 221 pags.

— Belmonte — *Caricaturas dos Tempos*. As mais interessantes "charges" de Belmonte sobre os acontecimentos internacionais de 1936 a 1946, principalmente sobre os motivos da última guerra mundial. Edições Melhoramentos — São Paulo, 1948 — 112 pags.

— Piloto, Valfrido — *Profanações* — Gráfica Condor, Curitiba, 1947 — 201 pags.

— Ferreira, Moema — *Meus Versos* — Tip. Batista de Souza, Rio, 1946 — 138 pags.

— Fuga (Versos) — Tip. Batista de Souza, Rio, 1948 — 254 pags.

— Maffei, Maffio — *Cicero e o seu drama político* — Tradução de Maria José de Carvalho — Instituto Progresso Editorial — Coleção Pantheon Universal, 2 — São Paulo, 1948 — 423 pags.

— Leão, A. Carneiro — *Conferência do Prof. A. Carneiro Leão*. Um sociólogo jurista: Clóvis Bevilacqua. Sobretiro de la "Revista de la Escuela Nacional de Jurisprudencia". — Enero-Marzo, 1948. Imprensa Universitaria, Mexico. 1948.

O QUE LEREMOS BREVE

— PEONY, de Pearl S. Buck — O IPE — Instituto Progresso Editorial S. A. adquiriu os direitos autorais desta obra para a língua portuguesa. Ainda este ano será lançada em nosso país a importante obra da escritora norte-americana.

— "MINHA VIDA COM BENITO" de Rachele Muscolini, cujo lançamento na Itália teve um êxito sem precedentes entre as mais importantes memórias da última guerra, será lançada brevemente pela mesma editora, em tradução de Dina de Mattel.

— AMADEU AMARAL — Iniciando a publicação das obras completas de Amadeu Amaral, sob a supervisão de Paulo Duarte, o IPE lançará ainda este mês o primeiro volume, sob o título "Tradições Populares".

— HISTÓRIA DA LITERATURA AMERICANA — Dando prosseguimento à sua importante Coleção Minerva, na série "História Literária", o IPE oferecerá

proximamente ao público brasileiro a "História da Literatura Norte-Americana", de T. H. Dickinson.

— ALBERTO MORAVIA — O público leitor do Brasil terá ocasião de entrar em contacto com um dos maiores escritores contemporâneos: Alberto Moravia, com a próxima publicação pelo IPE de "A Romana", obra que adquiriu grande popularidade em todo o mundo.

FLORESTA DE EXEMPLOS

A Floresta de Exemplos, de João Ribeiro, é um livro sem igual em qualquer literatura. Reune algumas dezenas de historietas filosóficas, e cada uma dessas narrativas é um modelo de malícia, de graça, de ironia e de humour.

Iremos, por isso, de vez em quando, reproduzindo em nossas colunas uma ou outra daquelas finas e deliciosas narrações, em que João Ribeiro se mostra parente tão próximo de Voltaire, de Anatole France, de Bernardes e de Machado de Assis.



LIVROS IPE
EDIÇÕES DE QUALIDADE

NAS LIVRARIAS
procurem
OS MELHORES
LIVROS DO DIA!

Koestler: "CRUZADA SEM CRUZ" — O livro do sofrimento e do desespero, que se resolve na resignação e no heroísmo. Cr\$ 40,00

E. e C. von Künholt Leddin: "MOSCOU 1979" — Uma incursão lógica e fantástica no futuro da Rússia e do mundo. Cr\$ 40,00

Koestler: "O ZERO E O INFINITO" — O livro da revolução e da verdade. Cr\$ 40,00

Choromanski: "CIUME E MEDICINA" — Um romance que realiza uma nova fórmula: as paixões eternas descritas e vividas, num estilo absolutamente inédito. Cr\$ 38,00

Zilahy: "OS DOIS PRISIONEIRO" — A obra-prima do célebre escritor húngaro; o livro que comoveu o mundo. Cr\$ 50,00

Aubry: "HISTÓRIA DA FRANÇA" — A história que chega a ser drama que se torna história. Cr\$ 75,00

Momigliano: "HISTÓRIA DA LITERATURA ITALIANA" — Um maravilhoso passeio pela paisagem enlameada da poesia e das letras peninsulares. Cr\$ 85,00

Chostakowsky: "HISTÓRIA DA LITERATURA RUSSA" — Um livro que é preciso ler para o conhecimento da alma russa. Cr\$ 75,00

Rivet: "AS ORIGENS DO HOMEM AMERICANO" — As mais modernas pesquisas das origens do homem do novo continente. Cr\$ 35,00

Zingarelli: "TRES IMPERIA LISMOS EM LUTA" — O mais completo estudo da realidade política atual, num mundo sem paz. Cr\$ 35,00

Uma homenagem ao sr. José Pessoa de Queiroz

O sr. José Pessoa de Queiroz foi alvo, recentemente, de uma significativa homenagem por parte dos industriais da cana de açúcar do Estado de Pernambuco. Foi-lhe oferecido, nos salões do Clube Internacional de Recife, em a noite de 8 do corrente, um magesto banquete de 250 mulheres, ao qual compareceram algumas das mais representativas figuras nacionais, inclusive a do Senador Vitorino Freire, que representou o Presidente da República.

O banquete teve início às 20,30 horas, sendo o sr. José Pessoa de Queiroz saudado pelo sr. Antígones Chaves.

tada no insigne industrial pernambucano.

Em seguida usou da palavra o Senador Vitorino Freire, que, em eloquente improviso, se dirigiu ao sr. Pessoa de Queiroz, entregando-lhe uma mensagem de apreço e simpatia do Presidente Dutra pelos relevantes serviços que vem prestando ao seu Estado e à Nação, à frente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco.

O governador do Estado, o sr. Barbosa Lima Sobrinho, pelo fato de se encontrar enfermo, fez-se representar pelo sr. Luís Antônio Pais Barreto, que também dirigiu algumas palavras ao homenageado.

Foi uma justa homenagem prestada a uma das grandes figuras contemporâneas do glorioso Estado nordestino.

IPE - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Queiram enviar-me, por
Reembolso Postal, os seguintes

Livros:
Nome
Rua
Cidade Est.

INSTITUTO
PROGRESSO
EDITORIAL S.A.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Primeira Série — Antologia da Poesia — XXXIV - HOMERO PRATES



HOMERO PRATES

NOTICIA SOBRE HOMERO PRATES

Homero Mena Barreto da Silva Prates nasceu em São Gabriel, Rio Grande do Sul, a 1 de agosto de 1899, e é filho do desembargador Tito Prates da Silva. Formou-se em Direito pela Faculdade de Porto Alegre em 1922. Veio residir no Rio, e obteve uma colocação no Ministério da Justiça. Atualmente é um dos juizes do Tribunal da Justiça do Trabalho. Foi redator do *Fala*, e ali teve a coluna de critica literaria; redator e colaborador de *Fan-Fan*. Pertence á Academia Rio-Grandense de Letras.

VIDA ANTERIOR

É a vez primeira que te vejo agora;
no entanto, quando há pouco nos olhamos,
tive a impressão de que já nos amamos
em dias remotissimos de outrora.

Tu amor, como a luz por entre os ramos
de uma floresta, no esplendor da aurora,
entra-me aos poucos na alma, ainda sonora
das palavras e beijos que trocamos.

É esta vaga, sutil reminiscência
me embala como um sonho na saudade
de uma vida anterior, de outra existência...

É quem sabe, se um dia, no revivê-la
ainda nos há de unir, no fim da Idade,
o mesmo amor na luz de alguma estrela?

DIVINA COMEDIA

Não fôras tu, Amor, tu, doce Amada
a guiar-me o incerto passo nessa estranha
e penosa subida da Montanha
e eu não chegara ao termo da jornada.

De mim embora ausente, ou separada,
a tua imagem sempre me acompanha.
É esse fulgor celeste que te banha
é que me mostra a verdadeira estrada.

As pedras do Caminho abrem-se em flores
a glória deste amor, desta ventura,
que em prazeres nos torna as próprias dores.

Eu unidos sob o céu que há em teu sorriso
vamos atravessando a terra escura
como Beatriz e o Dante no Paraíso.

NO EXILIO

Não nasci neste Mundo; o meu país natal
fica além, muito além da Terra triste e escura.
Lá sob a paz de um céu de infinita doçura,
onde não morre nunca a flor azul do Ideal.

Misterioso país do Sonho e da Ventura
Onde reina a Beleza absoluta e imortal,
lá só chega o clamor deste mundo mortal
como o eco vão de um mar de vasa torva e impura...

Triste, nos fins de tarde, eu vejo a flor das águas,
as torres de ouro e luz desta cidade d'Is
que no alto mar do Sonho emerge dentre as frágulas...

Senhor de um Reino ideal, eu me sinto feliz,
mas não distingo a dor — quando esqueço outras mágoas
de viver exilado em meu próprio país.

VELHO RELOGIO

No silêncio da casa atma e vazia
dos meus tempos de criança, que lá vão...
leito e pensando como um coração
bate o velho relógio noite e dia.

Animam-se-lhe as Horas: e tu fria
e grave paz do velho casarão
em imagens de sonho erram então
vagas visões de dor e de alegria...

Evocações de glória e gozo e pranto,
risos, queixumes, vãos clamores, ais,
enchem de novo a velha casa, em quanto,

num anilagre, com as vozes que ainda ecoam,
do belo tempo que não volta mais,
lentas, pausadas, as doze horas soam...

PALACIO DA VENTURA

Ouvi bater a minha porta, um dia
e fui abri-la, cheio de ansiedade;
mas não era o Amor nem a Alegria,
que tu há tanto tempo esperava; era a Saudade!

Eu estava, porém, naquela idade,
em que tudo no mundo nos sorria,
certo de que na Terra ainda existia
paz, ventura, ilusão, felicidade...

E já havia perdido essa esperança
— que quanto mais se adia mais engana —
no Ideal, que em toda a vida não se alcança.

quando afinal chegaste, ó Toda-Pura,
mudando minha humilha choupata
no Palácio Encantado da Ventura!

(Inédito)

A FLÔR AZUL

Havia, outrora, além, no alto de uma montanha
— dis velho Conto Azul — radiosa e etérea flor
que poupava da vida ao desencanto e á dor
quem lhe sentisse o aroma e a luz mágica e estranha.

Na ânsia vã de tocá-la — um místico esplendor
desce dos céus em tórno e a terra inteira banha... —
sobre aos címos o Poeta... Apenas o acompanhava
sua sede imortal de beleza e de amor...

Moço e belo inicia a penosa ascensão...
Sobe... e, de perto, vê que a esquiua flor de sonho
que era como uma estrela, é apenas ilusão!

Velho, ao fim da jornada, ele a alcança, afinal,
mas volta ao pó do chão desolado e tristonho...
era toda de cinza a flor azul do Ideal!

(Inédito)

COMO UM SONHO

Foi como um sonho a vida. A fugaz mocidade,
mal o vinho nupcial da sua taça ardente
nos fez provar, partiu, mudando de repente
nossa breve ventura em remorso e saudade...

Com que encanto, do céu dos tempos de outra idade
ela ainda nos sorri, enamoradamente,
tornando em sonho quase a triste realidade,
que a dor de envelhecer faz mais cruel e pungente.

Dela apenas ficou a infinita doçura
do seu primeiro amor que ainda, como uma estrela
depois de extinta, brilha em nossa desventura.

É na ânsia de alongar-lhe o adeus da despedida
tanto maior é a dor, a angústia de perdê-la,
quanto foi lindo e breve o noivado da vida!

(Inédito)

SABEDORIA

Merveusement pour la vie
la mort est toujours une surprise
Jacques D'Aray.

É toda de ouro e sol, de luz breve e inconstante,
a areia da ampulheta, em horas de ventura,
mas, se há um mal que te punhe, é terra fria e escura
que lembra a Morte e o chão em que segues, Viandante!

Não brilha o sol; detém-se a sombra do quadrante
e em lágrimas se torna a água radiosa e pura
da clepsidra, que mede a dor que te tortura
e em que julgas ouvir teu pranto a cada instante.

Dando um novo valor ao tempo, esquivo e belo,
cultiva o teu jardim, na dor ou na alegria,
seja em choupana humilde ou num lindo castelo,

que, assim, sem ambições, conformado com a sorte,
te há de correr serena a existência, até o dia
em que vier surpreender-te a hora triste da morte.

(Inédito)

ULTIMA NOITE DE D. JOÃO

Só, no seu velho castelo senhorial, num
antigo salão todo ferrado de espelhos, D.
João, envelhecido e triste, vive a sua última
noite.

É primavera. — Pela janela aberta
para o jardim entra um suave perfume de
rosas. — Ouve-se ao longe uma serenata.

D. JOÃO (junto á janela, olhando a noite com
infinita tristeza):
Minhas noites de amor! Quanta saudade! Quanta!
Passa um vulto cantando no luar... E' alguém que canta
mais uma hora feliz de sonho ou de ilusão...
— Como me faz sofrer esta recordação! —
Lindo! E' um canto de amor junto a um balcão florido!
E' alguém que vai sentir o que tenho sentido
não somente uma vez, mas mil vezes: a graça
de um corpo amado e belo, estremecido, e a taça
de uma boca, onde ferve um vinho áureo de beijos,
a dizer-nos, da sombra, anseando de desejos:
"Es tu, ó meu amor? Entra, sou toda tua!"
enquanto pela céu desolada flutua
a lua cheia e um vento alado e leve agita
as folhas mortas no ar da noite que palpita...
E as palavras de amor que morrem como as rosas
sobem da Terra ao Céu em queixas voluptuosas.
"Porque tardaste tanto?... A noite é suave e pura.
Como é bela a canção da primeira aventura
e triste o desesperar da primeira saudade!
Vi fugir como um sonho a breve mocidade
flor divina e fugaz, que, apenas nasce, morre.

Um frémito de amor infinito percorre
a noite imensa, o mundo, a Terra adormecida...
Tudo ama! E eu vou morrer! e é o meu adeus á vida
que me faz vê-la assim tão bela. — Enche os espaços
um murmúrio nupcial de beijos e de abraços...
O luar desenha no longe espadas de marfim...
Tudo ama! O vento esfolha as flores do jardim
e há um cheiro de mulher no perfume das rosas!
A Terra inteira tem crispções voluptuosas
de amante que se entrega e aos poucos é beijada!
Tem frémitos sensuais de carne moça e amada!
E para que eu mais sofra e ainda mais me comova,
lânguido e morno o azul tem conchegos de alcova!
Uma estranha volúpia aperta-me em seu seio
e uma febre de amar, um infinito anseio,
de vida a pouco e pouco a alma me envolve e invade...
E' o passado que volta em remorso e saudade
agora que vai soar a hora da minha morte.
Nem tudo foi engano e dor, bendigo a sorte
que me faz sofrer tanto, após tanta alegria,
porque se o Amor, tão breve, é a rosa de um só dia
que se colhe ao passar, o seu perfume encerra
todo o encanto e o esplendor da Beleza, na Terra.
Amel, vivi, sofri, mas mil almas tivera
ó Paulo! Ó meu amigo! e mil almas eu dera
ao Diabo, para ter mais uma hora de vida,
que prolongasse o adeus de minha despedida
a ver se ainda encontrava aquê que eu busquei,
amando-a em vão no amor de todas as que ameí,
buscando-a em vão no olhar de todas as mulheres!

Mefistófeles, aparecendo a um canto da
sala, para grande espanto de D. João.

O seu perfil agudo e irónico, curva-se
num fino gesto cavalheresco, refletindo-se
em numerosas imagens nos espelhos.

D. João! Meu velho amigo! Aqui me tens; se queres
que te conceda mais, não uma hora somente,
mas um ano feliz de mocidade ardente,
concedo-to e de graça, meu amigo; por favor,
sem outra paga além da do pacto anterior
que lá vencer-se agora...

Som no relógio do castelo as doze ba-
daladas da meia-noite.

D. JOÃO (estremecendo, mas simulando coragem).
És generoso, aceto.

MEFISTÓFELES
Vê se o aplicas, D. João, no tal culto perfeito
com que vives sonhando, antes que chegue a morte.

D. JOÃO
Nem por outro motivo o quero.
MEFISTÓFELES
Eis-te de novo; adeus!

Mefistófeles desaparece.

D. João, indo olhar-se ao espelho, vê-se
de novo aos vinte e cinco anos, vestido como
outrora com o seu manto, a sua guitarra
ao lado e o sombrero, cuja pluma escarlate
beija com ingénua emoção.
D. João, numa espécie de delírio vago
como que falando á sua própria figura, re-
fletida nos diversos espelhos:

Laura, Dulce, Beatriz, Ruth, Lenora, Heloisa,
Isolda, Carmem, Cléo, Elsa, Roach, Mona Lisa,
Fulvia, a de olhar de tigre e tranças cor de amora,
ardente como um sol, bela como uma aurora,
e Malene, a celeste, a mística, e franzina
que era um rio de luz a chorar numa ruína...
Flávia, cuja beleza era como um abismo
entre rosas... E Silvia, em que ainda agora cismo,
com saudade e remorso... e a mais bela de todas,
aquela que busquei para as divinas bodas
da minha alma, sem nunca em breves instantes, ao
sentir de perto o céu dos seus olhos serenos...

HISTORIA DO JORNALISMO NO BRASIL: JOSE' DO PATROCINIO

Nasceu José Carlos do Patrocínio em Campos, Província do Rio de Janeiro, em 8 de outubro de 1854. Era filho natural do padre João Carlos Monteiro, vigário do paróquia, e sobre o qual Evaristo de Moraes informa ter sido um orador sacro que deixou fama na Capela Imperial. A mãe dele era a tia Justina, uma quitandeira que pela manhã vendia na cidade frutas e legumes, e ia, depois de meio dia, para a sua quitanda, atender aos frequentes.

Beim criança ainda, registaram-se fatos com ele que pareciam marcar, já, a sua maravilhosa vocação abolicionista. Conta Ernesto Sena, por exemplo, que certa vez na fazenda paterna da Lagoa de Cima assistiu a um castigo corporal infligido a um negro escravo o vigário Monteiro e o pequeno José Carlos. Este insurgiu-se energicamente contra a violência. Como não conseguisse suspender o castigo, deixou-se cair, em sinal de protesto, do alto de uma escada. Rolou os degraus, ferindo-se todo, abrindo a cabeça...

Tinha 14 anos quando, tendo recebido apenas a educação primária, veio para a Corte. Aqui, certo dia, lembrou-se, sem levar nenhuma recomendação, de ir à Santa Casa da Misericórdia falar ao diretor, dr. Cristóvão dos Santos. Achando-o "original" (como ele próprio, Patrocínio, o disse), o dr. Cristóvão dos Santos deu-lhe um emprego.

Patrocínio começa a trabalhar, é começa também a estudar, ambicioso de se tornar alguém. Tem a insigüificância do ordenado, e mais 25000 por mês, de ganhos, pelos plantões dominicais que faz substituído os colegas, e mais 165000, que o vigário de Campos lhe mandava como mesada. Liga-se em grande amizade com o dr. João Pedro de Aquino, e este lhe franqueia o seu externato, afim de que o jovem possa preparar-se para um futuro curso superior. Patrocínio ali faz os preparatórios do curso de Farmácia, e também os do curso médico.

Em breve, instala-se numa "república" de estudantes, com os seus amigos Martins Costa e Campos da Paz. Entra para a Faculdade de Medicina, como aluno de Farmácia. Do seu amigo Sebastião Catão Calado tom casa e comida de graça. Vai tendo também alguns alunos de primeiras letras. Em 1874 está com o curso concluído, e com o diploma de farmacêutico em casa. Sua situação, nesse momento, se torna particularmente difícil. Seu colega Catão Calado para Santa Catarina. A Patrocínio não restará outra solução: terá que alugar sua carta por 30 ou 40 mil réis por mês, por isso que não dispõe do dinheiro para estabelecer-se por conta própria, ou então terá que morrer de fome... Parecia disposto a aceitar a segunda solução, quando, certo dia, foi convidado pelo amigo João Rodrigues Pacheco Vilanova, seu antigo discípulo do Externato Aquino, para passar um dia em sua casa. Aceitou o convite. Pacheco Vilanova residia em São Cristóvão, e era filho de dona Henriqueta, encantadora senhora, casada em segundas núpcias com o capitão Emilliano Rosa Sena. Findo o jantar, ficou o rapaz a conversar com o amigo, d. Henriqueta e as demais pessoas da casa, e, quando pretendeu retirar-se, verificou que já era muito tarde. Como não houvesse bonde para voltar à cidade, aceitou o convite, que todos insistentemente lhe faziam, para que dormisse em São Cristóvão. Quando entrou no quarto que lhe era destinado, teve uma surpresa: ali se encontravam os seus móveis, a sua mala, os seus livros! Sem que soubesse, Vilanova havia feito a sua mudança!

O capitão Sena, para que Patrocínio pudesse aceitar sem constrangimento a hospedagem que lhe era assim oferecida, propôs-lhe então um negócio: ele ficaria residindo em sua casa, e como pagamento lecionaria aos seus filhos. Patrocínio aceitou a proposta, começou a ganhar 100\$000 por mês — e a ensinar primeiras letras

a dois meninos e a três meninas. Destas, a predileta foi desde logo a Bibi, pela qual Patrocínio estava em breve apaixonado, sendo que ela correspondia ao grande afeto que havia despertado no coração do professor.

Já a esse tempo Patrocínio estava iniciando sua carreira de jornalista. Entrara na "Gazeta de Notícias". Sua estrela maravilhosa começa a aparecer...

O capitão Sena era um homem de ardorosas convicções anti-monarquistas e em sua residência funcionava o "Clube Republicano", do qual faziam parte Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão, Pardal Mallet e outros. Quando informado, porém, dos amores de sua filha com o negro — amores esses que encontravam a maior simpatia por parte de d. Henriqueta — o capitão Sena sentiu-se revoltado. Parecia-lhe um desperdício aquilo. Nessa dificuldade, Patrocínio obteve uma interferência de Ferreira de Araújo em seu favor. Afinal, Patrocínio e Bibi se casaram. Conta-se que, no dia do casamento, a emoção dele foi tão profunda, que, tendo de ir dormir na casa que para sua lua de mel alugara, ele entregara a chave do lar a Paula Ney, com medo de esquecer! Quem a esqueceu, porém, foi o próprio Ney! E, sem maneira de abrir a porta de casa, tiveram Patrocínio e Bibi que regressar ao lar dos pais da moça, para não terem que passar a noite ao relento...

Patrocínio está feliz, em plena atividade intelectual. Começa, com Dermeval da Fonseca, a publicar os "Ferreões", o quinzenário que sai de 1 de junho a 15 de outubro de 1875, formando um volume de dez números. Os dois colaboradores se assinam — "Notis Ferrão" e "Eurus Ferrão".

Dois anos depois, temo-la na "Gazeta de Notícias", levado por Ferreira de Araújo. Está a seu cargo a "Gazeta Métrica", e, também, está a seu cargo a "Semana a Parlamentar" (sendo que nesta última ele se assinou "Prudhome").

Em 1870, inicia a campanha pela Abolição, em rodapés da "Gazeta de Notícias". Em torno dele forma-se um grande círculo de jornalistas e de oradores. Ferreira de Menezes, na "Gazeta da Tarde", o acompanha. Acompanham-no os confederistas da Associação Central Emancipadora, entre os quais se notam homens como Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubalino do Amaral, Ladislau Netto, Ferreira de Menezes, Ernesto Fogaça, João Clapp, Teodoro Sampaio, Paula Ney. Ele começou a tomar parte nos trabalhos dessa associação em 1880.

Em 1881, passa para a "Gazeta da Tarde", substituindo Ferreira de Menezes, que havia morrido. (Diz-se que, para que ele pudesse obter esse cargo, o seu sogro, capitão Sena, pôs a sua disposição a quantia de 15 contos, com a qual ele comprou a "Gazeta da Tarde").

Patrocínio tinha atingido,

nêsse momento, a grande fase de seu talento e de sua atuação social. Funda a Confederação Abolicionista e lhe redige o manifesto, que é também assinado por André Rebouças e Aristides Lobo. Toma como divisa estas palavras: — "A escravidão é um roubo".

Em 1882 vai ao Ceará, levado por Paula Ney, e ali é cercado de todas as homenagens. Dois anos depois está em Paris, quando a "Terra da Luz", como ele próprio batizara o Ceará, faz a emancipação completa dos escravos. Patrocínio dirige-se a Vitor Hugo, e dele obtém uma página de ardente aplauso à gente da província que assim libertava seus escravos.

Em 1885, visita Campos, e é ali saudado como um triunfador. Regressando ao Rio, traz a velha mãe, doente e aquebrada, que pouco tempo mais resistiu. Ao morrer, teve um funeral importante, no Rio, acompanhada (Continua na pág. 160)

Algumas fontes sobre José do Patrocínio

- Alencar, Mário de — Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras — Discursos Acadêmicos, vol. 1.
- Araripe Junior. — Dois grandes estílios. Prefácio aos Contrastes e Confrontos, de Euclides da Cunha.
- Autores e Livros. Vol. 4.º, n.º 2 (10-1-1943). Encontra: — Notícia sobre José do Patrocínio.
- A poesia de José do Patrocínio: — Voz Viciada — Eulália — Adormecida — Maria — Lirismo — Precisa-se — Recordação — No Lírio
- Estudo sobre José do Patrocínio, de Sívio Romero.
- A Hipocrisia, de José do Patrocínio.
- José do Patrocínio e a Abolição (trecho do discurso de recepção na Academia Brasileira), de Mário de Alencar.
- José do Patrocínio, de Alcides Maya.
- A última carta a Patrocínio, de Coelho Neto.
- Patrocínio na campanha da Abolição, segundo Oliveira Vianna.
- Jesus, de José do Patrocínio.
- Bibliografia de José do Patrocínio.
- Documentos referentes a José do Patrocínio.
- Anoteador, de Osvaldo Orico.
- Para variar, de Arthur Azevedo.
- José do Patrocínio na opinião de Joaquim Nabuco.
- Um perfil de José do Patrocínio (A propósito de "Robres e Cogumelos", de Felix Pacheco), por João Ribeiro.
- O sacerdócio de José do Patrocínio, de Sousa Bandeira.
- Silva Jardim, de José do Patrocínio.
- Patrocínio, soneto de Olavo Bilac.
- Na véspera da Abolição (trecho de um artigo da "Semana Política"), de José do Patrocínio.
- Bandeira, Sousa — O sacerdócio de José do Patrocínio. (Autores e Livros, 10-1-1943) (Continua na pág. 160)

...aqui que sonhei, sobre todas. Eleita, mulher, souho ou quimera, a Única, a Perfeita...
...todas adorei e todas te adoraram;
quando na deixei, afora; por mim todas choraram...
Uma infinita dorça envolve-me em seus braços;
meu coração-me o corpo invisíveis abraça!
...meus sonhos de amor, que me resta? a saudade
...estas recordações da minha mocidade
quando em torno a mim numa continua ronda...
...o passado que torna e com seus ritmos de onda
...astuta-me a viver de nove horas vividas
...outrotra, em que revendo, em sombras doloridas,
...criaturas que amei, sinto mais funda a mágoa
...háve-las esquecido... Enche-me os olhos de Água
...limpá-las agora... Aqui nestes espelhos
...nos molhos de festa, nos reflexos vermelhos
...nas lustres de cristal, todos se refletem!
...Risonhas, senhoras, os seus bustos sorriram
...diante deles, assim como depois choraram
...e por certo até hoje os espelhos guardaram
...uma eterna lembrança as imagens de outora...
...Quem me dera vos ver vivas de novo agora
...muitas Vidas de amor do meu passado! —
...Como num sonho, então, no salão encantado
...desfilava uma por uma, em sombras animadas,
...e ainda azeia e ideal das criaturas amadas,
...que D. João vê cruzar mudo de amor e espanto!
...Uma voz que se queixa ergue-se em cada canto...
...De cada espelho sai a imagem de uma amante
...e, uma após outra, vão com voz triste e elegante
...recordar-lhe o abandono em que as deixou um dia...
...Entra pela janela a radiosa alegria
...os pássaros cantando... Olhos fixos na alfombrã,
...D. João foge de as ver... E as visões, em silêncio,
...vão passando, passando... Um pranto amargo vence-o,
...e, pela primeira vez em sua vida, chora...
...De repente, porém, ao esplendor da aurora
...que ataca, vê surgir no fundo do salão,
...sob um nimbo celeste, a mais bela Visão

que a seus olhos mortais jamais se deparara.
...tu, ó meu amor, aquela que eu sonhara!
...ó Divina, ó Perfeita! Em vão, por toda parte,
...Como um loque, certo o mundo a procurar-te,
...e ainda agora, a morrer, a ti é que esperava!
...é só por ti, ó Sonho, é que de amor chorava!
...Levanta-se D. João e para ela acorre,
...mas, num supremo esforço, indo beijá-la, morre!

(Entra pelos vitrais, em reflexos vermelhos,
a luz da aurora, enquanto em todos os espelhos
refleída aparece a imagem de Satan.)
"O meu gran Burlador de Sevilla, Don Juan!"
exclama, rindo, o Diabo, ante o seu corpo frívolo.
— Triste como um adeus, no castelo sombrio
erra um vago rumor de vozes dolorosas...
Nas sombras do jardim se desfolham as rosas...
Ouve-se ainda a esvoaçar a asa da Morte. O vento
lúgubre e triste geme à feição de um lamento,
desfolhando, ao passar, as árvores floridas...
Há um como despertar de vozes esquecidas
que choram, na amplidão da sala quieta e enorme...
Tem não sei que de humano o silêncio que dorme
nos espelhos que estão solitários brilhando;
como que há um lento ansear de coração parando
e de alma que agoniza em seu brilho tristonho,
qualquer coisa de ideal que se evai como um sonho;
e aos poucos, um por um, todos se vão partindo...
Espande a Primavera em tudo; o Azul infinito,
sereno e leve, evoca um céu nupcial. Risonha
como uma noiva a Terra, no sol que tarda, sonha...
Sobem queixas de amor da alma ardente do mundo.
E alegre na mudez da sala triste, ao fundo,
Melíctes ri e olhando a Noite, fora,
e a Terra que ainda dorme à imensa paz da aurora,
toma da velha capa, e da alma de D. João
e empunhando a guitarra, e um canto do salão,
com o mesmo gesto e a voz do grande Burlador,
olha os astros e canta uma canção de amor!...

BIBLIOGRAFIA DE HOMERO PRATES

- As Horas coroadas da Rosa e de Espinhos (Poema) — Dezembro de 1912.
- Torre Encantada (Versos) — São Paulo, setembro de 1917. Desenhos de Fischer Elpens — 110 páginas male 4 m.
- Paraisos interiores — Rio, 1919.
- No Jardim dos Ideais e das Rosas (Poema) — Rio, 1920.
- Orfeu (Poema) — Monteiro Lobato — S. Paulo, 1923, 126 páginas.
- História de D. Chimango (Poema satírico regional) — Rio, 1927.
- Ao sol dos Págos (Versos regionais) — Rio, 1939.
- Morte de Ariel (Versos) — Rio, 1947, 74 págs.

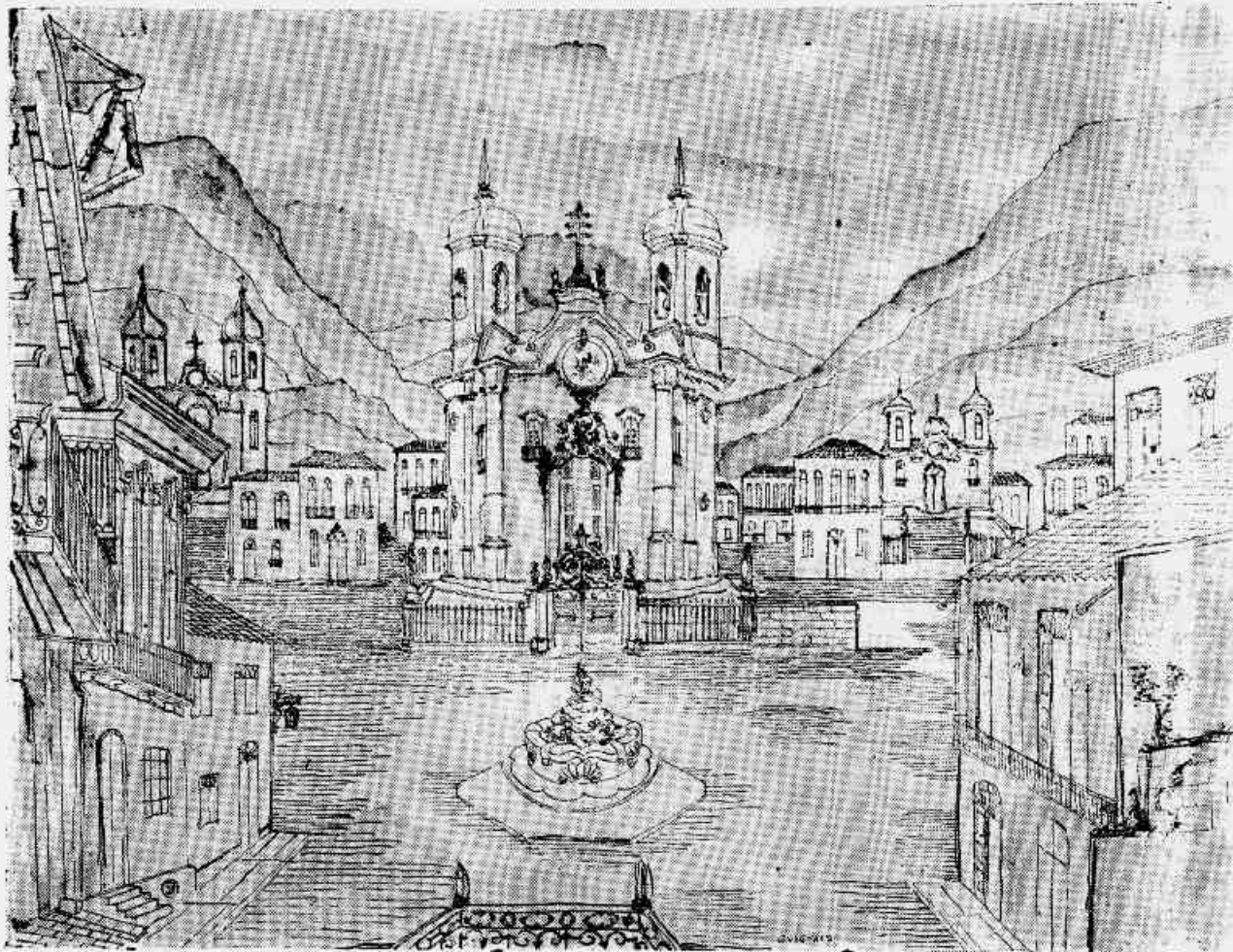
ALGUMAS FONTES SOBRE HOMERO PRATES

- João Pinto da Silva — Fisionomias de Nove — 1.ª série.
- José Veríssimo — Letras e Literatos, pag. 170.
- Mucio Leão — A Morte e a Ressurreição de Ariel — "Jornal do Brasil", 17 de abril de 1948.
- Nilo Bruzzi — Homero Prates, o Magnífico — "Jornal do Comércio", 7 de março de 1948.

Homero Prates

Autógrafo de Homero Prates

Album de Guignard



N.º 10 — A velha igreja

Historia do Jornalismo no Brasil

(Continuação da pág. 159)
da que foi ao campo santo por escritores, jornalistas, políticos, todos amigos do glorioso filho.

Em setembro de 1887, deixa Patrocínio a "Gazeta da Tarde" e passa a dirigir a "Cidade do Rio", que é próprio havia fundado. Este, como os jornais anteriores em que o grande negro trabalhou, tornou-se em breve um verdadeiro ninho de águas, pois foi ali que se fizeram, pode-se dizer sem exagero, os melhores nomes das letras e do periodismo brasileiro do momento, todos chamados por Patrocínio, por ele estimulados, por ele admirados, por ele queridos.

Foi de sua tribuna da "Cidade do Rio" que ele saudou, em 13 de maio de 1888, o advento da Abolição, pelo qual tanto lutara, ao qual dera todas as suas energias, os seus sonhos, a sua fé.

Sobreveio a República, e Patrocínio não teve nela parte. Em 91 está em decidida oposição a Floriano. É desterrado para Cucuí. Em 93 está suspensa a publicação da "Cidade do Rio" e ele é obrigado a refugiar-se, para evitar agressões e quem sabe se não o próprio assassinato. No quadriênio de Prudente de Moraes está ao lado do governo, e por esse motivo briga com Rui Barbosa, Alcindo Guanabara e outros escritores. No

quadriênio de Campos Sales, está na oposição.

Já a esse tempo, entretanto, parece que a sua grande preocupação não é mais a política — mas sim a aviação. Manda construir o balão "Santa Cruz", e seu sonho é voar. Numa festa a Santos Dumont, realizada nesta fase, no Teatro Lírico, está ele saudando o inventor, quando não pôde prosseguir em seu discurso, assaltado que foi por uma hemoptise... A 29 de janeiro de 1905 escreveu seu último artigo — "Ave, Rússia!" — que foi publicado no "O País". No dia seguinte sentara-se à mesa para escrever outro artigo, que iria ser mandado para a "Notícia", para a seção "As Segundas", que ele ali mantinha, sob o pseudônimo de "Justino Monteiro". Poucas tiras tinha escrito, quando se levantou, precipitadamente. E quando uma pessoa da família o viu afastar-se para o quarto, e lhe perguntou o que estava sentindo, ele respondeu apenas: "Sangue". Faleceu a 30 de janeiro de 1905. Deixava, como tida fortuna, a quantia de 125000 — única herança da desolada esposa, do filho e talvez também das quarenta crianças pobres, que ele recebia todos os dias em sua modesta habitação, e às quais, juntamente com d. Bibi, ia desveladamente dando um ensino gratuito...

E patrono da Academia

BIBLIOGRAFIA DE JOSE DO PATROCINIO

- Os Ferrões — Quinzenário. 10 números. Em colaboração com Dermeval da Fonseca. Rio, 1875.
- Nota Coqueiro ou A Pena de Morte. Romance. Tipografia da "Gazeta de Notícias". 1877. Segunda edição, 1890.
- Os Retirantes. Romance. Tip. da "Gazeta de Notícias". Rio, 1879. Foi publicado antes na "Gazeta de Notícias".
- Conferência pública, da Confederação Abolicionista. Tip. Central. Rio, 1882 (3 páginas).
- Manifesto da Confederação Abolicionista. Rio, 1883.
- Pedro Espanhol. Romance. Tip. da "Gazeta de Notícias". Rio, 1884.
- L'affranchissement des esclaves de la province de Ceará au Brésil. Paris. Rio de Janeiro, 1884.
- As meninas Godin. Comédia em três atos, por Maurice Ordonheaux, representada em março de 1885, no Teatro Recreio Dramático.
- Conferência pública, feita no Teatro Politeama, em sessão da Confederação Abolicionista de 17 de maio de 1885. Rio, 1885.
- Associação Central Emancipadora. 8 boletins.
- Carta a Serpa Junior — "Terra de Sol", vol. 5.º, página 207.

Amazonense de Letras; da Academia Fluminense de Letras.

Algumas fontes sobre...

(Continuação da pág. 159)

- Barros, Jaime de — Espelho dos Livros.
- Bilac, Olavo — Cidade do Rio, 12-5-1900; Kosmos, Fevereiro de 1900.
- Blake, Scaremento — Dicionário, vol. IV.
- Carvalho, Pereira de — Os membros da Academia Brasileira de Letras em 1916 (pág. 572).
- Coelho Neto — Discurso de saudação a Mario de Alencar na Academia. (Discursos Acadêmicos, vol. 1). — A Conquista. — Fogo Fátuo.
- Don Quichote (charges), 5 e 12 de outubro de 1885 (entre outras).
- Enciclopédia e Dicionário Internacional.
- Forte, Matoso Maia — Mensário do Jornal do Comércio, Março, 1938 — pág. 238.
- Perna Neves — A Academia Brasileira de Letras — pág. 86.
- Galeria Nacional, 1.º fascículo, pág. 30.
- Mariano, Olegário — Discurso de posse na Academia (Discursos Acadêmicos, volume 5.º).
- Maya, Alcides — José do Patrocínio — "A Reforma" de Porto Alegre. 14-10-1889; (transcrito em A Cidade do Rio, 26-10-1889 e Autores e Livros, 10-1-1943).
- Moraes, Evaristo de — Conferência — In Revista Americana — Dezembro de 1917 (Ano VII, n.º 3).
- Mota, Artur — Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 119.

— Murat, Luis — Conferência sobre José do Patrocínio — Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 22.

— Orico, Osvaldo — O Figue da Abolição — 1931 — Patrocínio (Segunda edição do livro anterior).

— Pacheco, Felix — Rolos e Cogumelos. 1932 — "Revista da Academia", n.º 124, 182.

— Pereira, Henrique — Dicionário Universal de Literatura — pág. 459.

— Ribeiro, João — Páginas Escaladas. — Fabordão (capítulo sobre jornalismo).

— Romero, Silvio — Outros estudos de Literatura Contemporânea. (Foi transcrito em Autores e Livros, 16 de janeiro de 1943).

— Rubens, Carlos — Revista da Academia, n.º 115.

— Sales, Antônio — Revista Brasileira, 1 de junho de 1897, pág. 284.

— O Santa Cruz — Almanaque Garnier — 1904 — pág. 427.

— Senna, Ernesto — Rascachos e Perla — Rio, 1909.

PSEUDONIMOS DE JOSE DO PATROCINIO

Além de outros, José do Patrocínio usou os seguintes pseudônimos: Justino Monteiro ("A Notícia", 1905); Notus Ferrão (Os Ferrões, 1876); Prudhom (A Gazeta de Notícias, A Cidade do Rio).